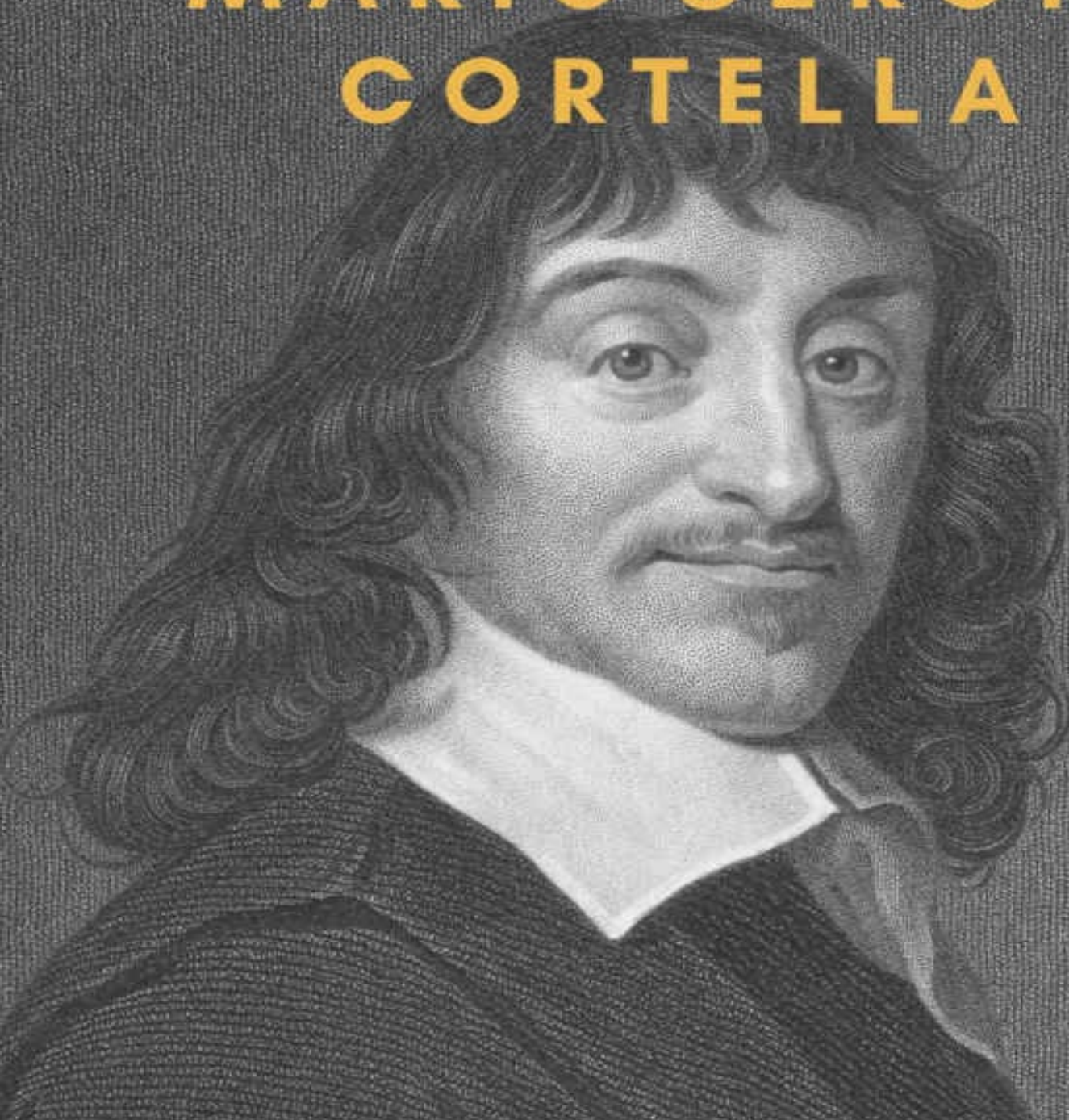


MARIO SERGIO
CORTELLA



DESCARTES

A Paixão pela Razão

Descartes

A Paixão pela Razão

Mario Sergio Cortella

Copyright Mario Sergio Cortella 2018

Edição Digital

Todos os direitos reservados à MS Cortella

É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem o consentimento por escrito do autor.

Ilustrações internas: Emílio Damiani Júnior

Publicado exclusivamente em versão digital pelo Kindle Direct Publishing

São Paulo, Julho de 2018

Recado

para o professor

“Este livro de Filosofia tem um objetivo simples: começar . . . do começo! Dirige-se ao jovem que se sente crescendo por dentro e que busca referências que o ajudem a se situar num mundo de idéias e decisões que se descortinam.

“Descartes inaugura uma corrente de pensamento e é presença obrigatória na história das idéias. “

“Procurei utilizar uma linguagem simples e o mais clara possível. Escolhi o essencial das ideias do filósofo, evitando entrar por enquanto em fundamentos que poderiam ser indigestos a quem, pela primeira vez, coloca o pé na estrada da Filosofia.”

COMO USAR

- **VAMOS REFLETIR:** questões de compreensão sobre o próprio texto e sugestões para debate, onde se faz a ponte com a vivência do jovem e o mundo atual.
- **PROPOSTAS DE ATIVIDADE:** remetendo o leitor a realidades sociais concretas, as atividades propiciam experiências que dão “sentido” real ao que está escrito. São apenas PROPOSTAS, que não precisam ser seguidas à risca; são estímulos, indicações, e certamente serão adaptadas às circunstâncias particulares dos leitores.
- **ANEXOS:** textos, dos filósofos ou não, que ilustram as idéias apresentadas. Sua finalidade é ampliar a leitura, possibilitar debates, dar mais elementos para o trabalho em classe. O professor encontrará aí subsídios para suas aulas.

O autor

“Nasci em Londrina, no Paraná, em 1954, de onde saí em 1967, logo depois do Natal. Mudei-me para São Paulo, trazendo poeira, imagens de cafezais, muitas cicatrizes e ossos recolados que ganhei vivendo tudo que tinha direito. Quanta saudade daquele eu!

Como disse Gilberto Gil, “o melhor lugar do mundo é ser feliz”. Tenho sido em São Paulo, até hoje. Fiz curso de Filosofia, comecei a dar aulas, fiz pós-graduação em Filosofia da Educação, continuo dando aulas, conferências, escrevendo (até poesias!) e brincando seriamente com desenho animado (como ator ou roteirista).

Tenho um prazer imenso em dar aulas; mais do que isso: não consigo deixar de fazê-lo. Meu negócio é **falar**. Adoro ter essa paixão: um pouco de teatro, um pouco de pregação messiânica, um pouco de saber e . . . muito sabor.

Só tenho um gosto maior que esse: **ouvir**. Pessoas e músicas. Qualquer pessoa e qualquer música, desde que me emocionem. Principalmente ouvir meus filhos e Mozart, ao mesmo tempo. Os três, e mais Amadeus, fazem comigo a vida. Com quem os gerou, ou poderia tê-los gerado.”

Mario Sergio

Índice

Capítulo 1 - O filósofo, meu colega

Capítulo 2 - Mundo, vasto mundo

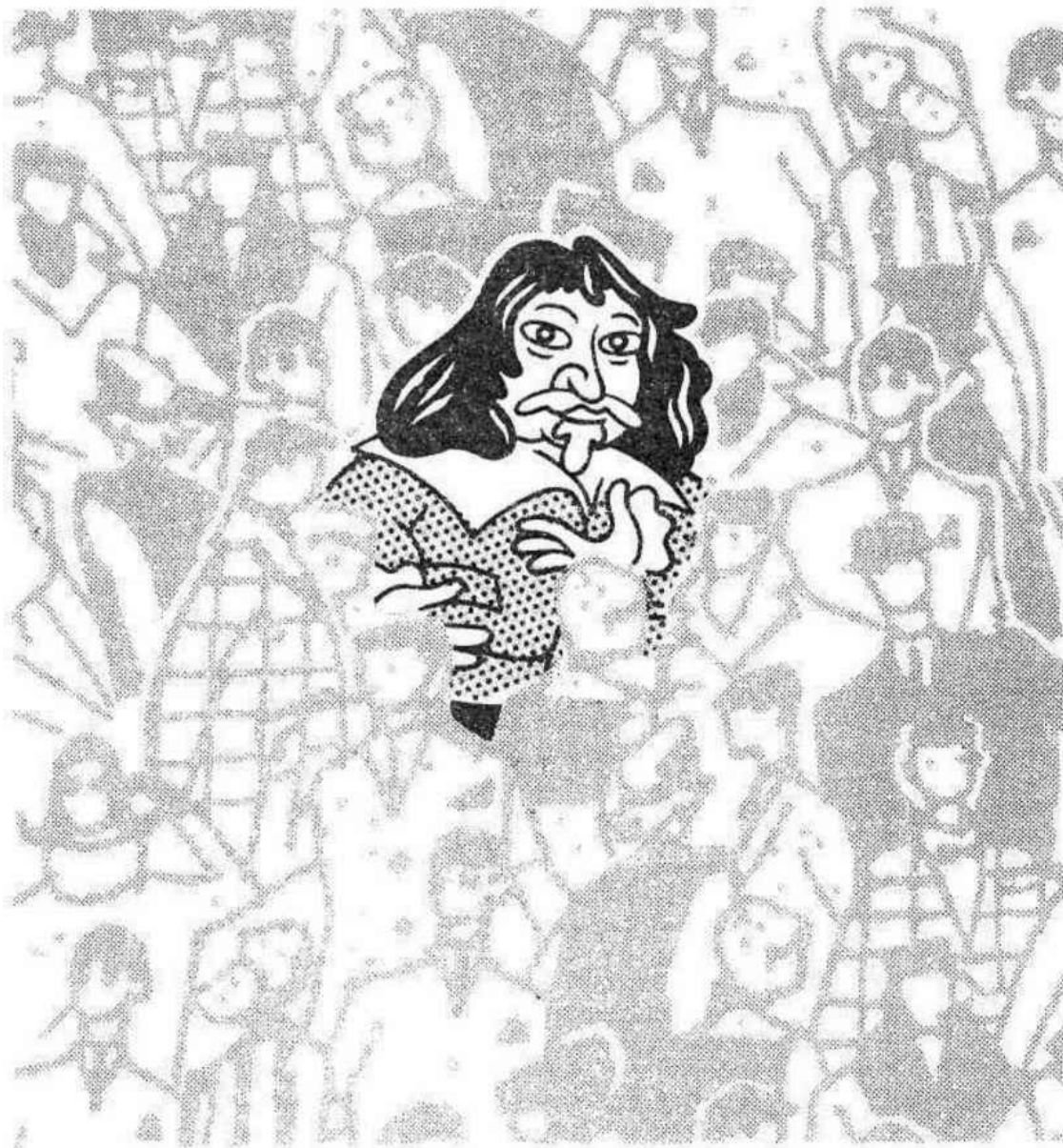
Capítulo 3 - Deus ajuda a quem cedo madruga?

Capítulo 4 - Buscar a certeza . . . na dúvida?

Capítulo 5 - O caminhante mascarado

Capítulo 1

O filósofo, meu colega



Minha intenção não é ensinar aqui o método que cada pessoa deve seguir para utilizar corretamente a sua Razão. Pretendo apenas mostrar de que maneira me esforcei por conduzir a minha Razão.

Os que se metem a propor regras certamente se consideram mais hábeis do que os outros e, por isso, merecem críticas quando falham no menor empreendimento.

Apresento estas páginas como uma história, como uma fábula, que tem alguns exemplos que podem ser imitados e, talvez, muitos outros que não devam ser seguidos. Espero que meu texto possa ser útil a alguns, sem ser nocivo a ninguém.

(Descartes, *Discurso do método*)*

Caipira e baiano

Lá pela década de 60 eu estudava na 4ª série ginasial (a 8ª série de hoje) em uma escola pública de São Paulo. Tinha acabado de chegar do Paraná, onde nasci, e trazia um sotaque caipira muito carregado. Pois imagine, numa sala cheia de alunos com seus quinze anos, o que acontecia toda vez que eu abria a boca . . . Era uma gozação só!



Fui salvo no dia em que o novo professor de Matemática entrou na sala. Ele era baiano. Na primeira aula, apresentou sua programação: “Vamos começar por um ponto da Geometria analítica chamado *Plano Cartésiano*”. E carregou no mais puro sotaque da terra de Caetano.

Foi o que bastou. A partir daí não nos lembramos mais do seu nome verdadeiro. O professor de Matemática passou a ser apelidado de *Cartésiano*, para sempre (claro, naquela idade, tudo entre nós era “para sempre”).

Fiquei livre das gozações. O sotaque baiano do *Cartésiano* foi adotado como “modelo oficial”. Assim, vingamo-nos de todos os professores de Matemática, passados e possíveis. Mas o que eu não sabia (e só soube mais tarde, ao estudar Filosofia), é que o Plano Cartesiano fora elaborado por um grande filósofo, matemático e físico francês do século XVII, chamado René Descartes.

Até aquele momento, Descartes (pronuncia-se *Dêcárte*, mas nós falávamos Descartes, caprichando nos esses) tinha sido apenas o “padrinho” do *Cartésiano* professor e seu cartesiano plano! Nunca mais me esqueci disso. Passei a me interessar pelo filósofo Descartes por acaso, a partir do sotaque baiano que um dia me livrou das brincadeiras.

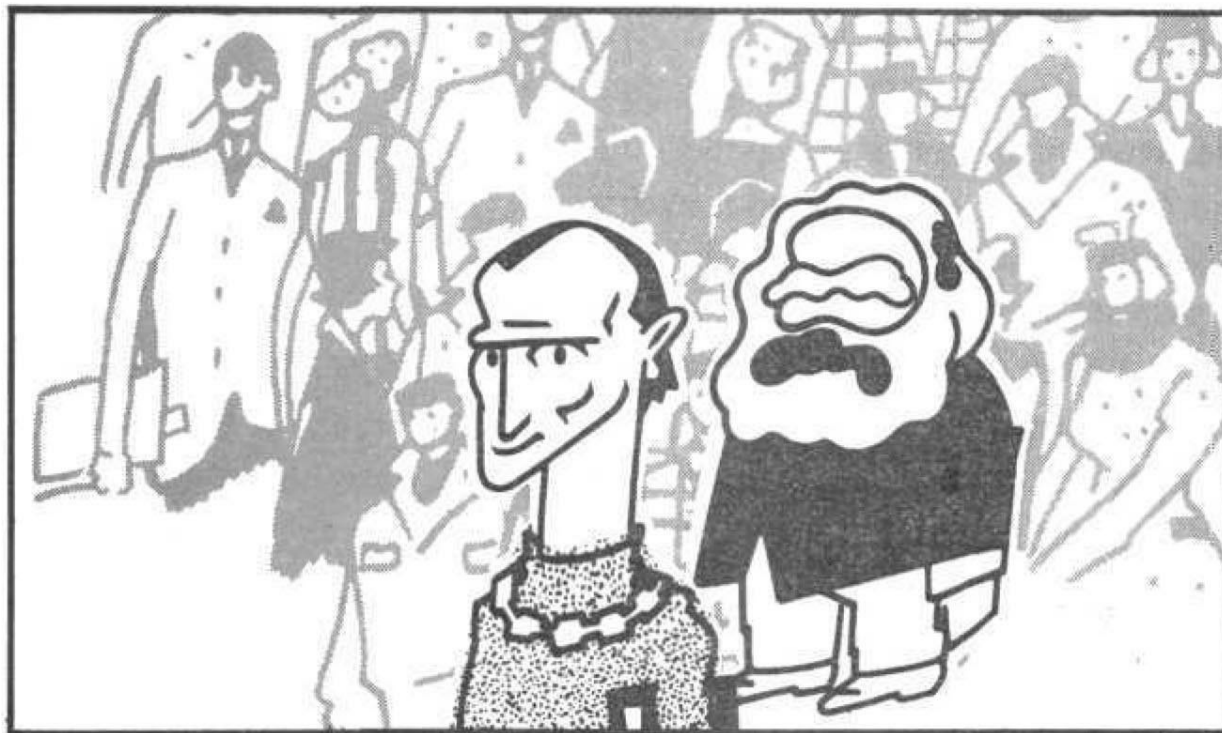
Ah, sim! O nome verdadeiro do professor de Matemática – aliás, ótimo – era Edson . . .

E você . . . é cartesiano?

É interessante observar como os nomes de alguns pensadores foram transformados em adjetivos. Servem até para xingar as pessoas! Por exemplo, chamar alguém de “maquiavélico” significa dizer que essa pessoa usa truques e armadilhas para atingir seus objetivos: “não dá ponto sem nó”. O que Maquiavel, pensador italiano do século XVI, tem a ver com isso?

Também se diz que está possuída por um amor “platônico” toda pessoa apaixonada que enruste seus sentimentos. Mas o que Platão, filósofo grego que nasceu no século V a.C., tem com isso?

Quase toda vez que a gente se preocupa com as injustiças sociais e com a miséria humana, é chamado de “marxista”, ou então de “cristão”. O que esses dois judeus, Marx e Jesus, vivendo separados por mais de mil e oitocentos anos, têm a ver com isso?



É claro que todos os pensadores citados têm alguma coisa a ver com o uso que atualmente fazemos de seus nomes. O que significa, neste final de século, ser maquiavélico, platônico, marxista ou cristão? É adotar uma certa compreensão acerca do mundo que se aproxima das idéias de Maquiavel, Platão, Marx e Jesus. Convivemos com os filósofos com muito mais proximidade do que podemos perceber: usamos idéias sem saber exatamente de quem são, de onde vêm. Aí está uma das vantagens de se estudar Filosofia: em geral se tem mais clareza sobre o que se está falando.

Eu mesmo já fui “acusado” de ser cartesiano, como se fosse um sério defeito! E que defeito é esse? Para muita gente, ser cartesiano é sinônimo de ser excessivamente racional e não deixar lugar para a emoção, não se abalando com nada porque, afinal, “tudo tem uma explicação lógica”.

Mas não!

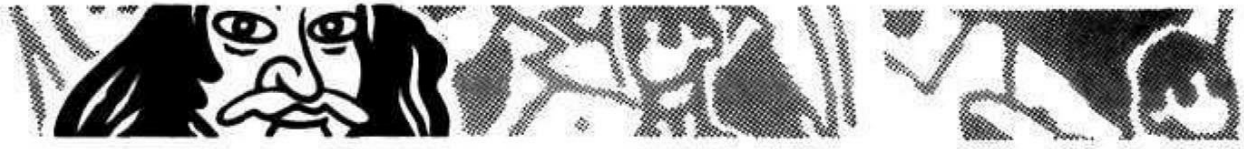
Dizer que “ser cartesiano e ser frio são sinônimos” é uma deturpação do que pensava Descartes (ou *Cartesius*, em latim). Afinal, não tem sentido considerar nosso filósofo como calculista só porque era matemático.

Então, qual foi a intuição (o “tchans”, como dizem alguns) de Descartes?

Foi uma coisa muito séria. Descartes tinha uma verdadeira *paixão pela Razão*. Só que essa paixão não caiu do céu. Ela tem muito a ver com a época em que vivia o filósofo. Tem muito a ver com a necessidade de uma nova visão sobre o mundo e sobre a vida, que surgiu na Europa do século XVII. Tem muito a ver com a vida do próprio Descartes. É isso que vamos ver nas páginas deste livro.

Se eu entendo o significado dessa “paixão pela Razão”, recebo até como elogio a “acusação” de ser cartesiano. As idéias desse filósofo têm muito a ver com a nossa vida. Mas, para entender isso, vamos analisar antes em que berço nasceu essa paixão de Descartes pela Razão.

Vamos lá?



Vamos Refletir

1. Acerca da nossa convivência com filosofias de outros tempos, comente: *Ao contrário dos sapatos, quanto mais as idéias são usadas, mais novas elas ficam.*
2. Analise o texto do *Discurso do método*, do início deste capítulo, e identifique o objetivo central do seu autor.
3. Para o autor da fábula anexa, que característica tem a Filosofia? Faça um texto de umas vinte linhas sobre o que você entende por Filosofia. Guarde-o, até que você tenha acabado de ler todo este livro.
4. Procure no dicionário o significado das palavras: razão, paixão e emoção. A seguir, interprete o verso: *Trazer uma aflição dentro do peito/ é da vida um defeito/ que se extingue com a razão* (Haroldo Lobo).

Propostas de Atividades

1. Pesquise, no noticiário, nas propagandas e na literatura referências à Filosofia e a filósofos, antigos ou atuais.
2. Monte um texto (individualmente ou em grupo) ou uma “colagem” de obras de músicos e poetas, em que se mostre a relação entre razão, paixão e emoção.

Anexo

A explicação

Millôr Fernandes

O rapazinho telefonou para o professor de filosofia e pediu uma explicação¹. Aquele negócio de epistemologia criativa com raízes no senso comunicativo e fundamentos no Ego Absoluto, ele não tinha entendido. Aí, o professor, com a clareza dos grandes didatas, começou a explicar o ponto, com precisão e detalhes. O rapazinho ficou satisfeito. Agora, sim, estava entendendo tudo. E estava ainda entendendo tudo quando, misteriosamente, passou a não entender mais nada. O telefone deu uma daquelas. Emudeceu de vez, sem qualquer aviso.

O exame era nessa mesma noite. O rapazinho, nervoso, telefonou para a Companhia Telefônica, virou e mexeu, reclamou e implorou a três seções diferentes da Companhia, e, afinal, prometeram que vinham consertar o telefone imediatamente. Mais nervoso do que nunca, sem saber como terminar o problema, o rapazinho passeava na sala, de lá pra cá e de cá pra lá, fumando desbragadamente². Mas, felizmente, tudo acabou bem. O técnico da Telefônica veio mesmo, como prometera, desmontou o aparelho com tranqüilidade, tirou lá de dentro dele uma palavra filosófica complicadíssima que o professor usara, e, dessa forma, liberou todo o resto da explicação. O aluno nem teve que continuar a conversa com o professor. Entendeu logo tudo e passou facilmente no exame.

MORAL: AFINAL NÃO SE PODE CULPAR DE TUDO A COMPANHIA TELEFÔNICA BRASILEIRA, PÔ!

1. Os professores não têm para quem telefonar.
2. Ele não fumava.

(Fábulas fabulosas, 11. ed., Rio de Janeiro, Nórdica, 1985.)

Capítulo 2

Mundo, vasto mundo



Os filósofos não brotam da terra como cogumelos, eles são frutos de seu tempo, de seu povo, cujas forças mais sutis e mais ocultas se traduzem em idéias filosóficas. O mesmo espírito fabrica as teorias filosóficas na mente dos filósofos e constrói estradas de ferro com as mãos dos operários. A filosofia não é exterior ao mundo.

(Karl Marx, *Kolnische Zeitung*, 1842.)

O alfabeto do entendimento

E stá claro que quem chegou ao ponto de pegar este livro é alfabetizado. Mas pode acontecer muitas vezes de nós lermos um livro e não entendermos nada, ou então o acharmos meio fantasioso ou simplista demais.

Para entender completamente um escrito, é necessário um grau mais elaborado de alfabetização. Primeiro, é preciso localizar o texto no tempo e no espaço, compreender *quando* e *onde* ele foi escrito.

Assim, quando estudamos algum livro, podemos captar melhor por que ele tem determinadas características se fizermos sua “carteira de identidade”. Você sabia que também os livros têm filiação, local e data de nascimento?

Acontece que cada um de nós produz certos pensamentos a partir das experiências que vive, daquilo que deseja ou necessita. Além do mais, vida, desejo e necessidade não se referem apenas a você, ou a mim, dependem muito da sociedade e da época em que estamos inseridos.

Mesmo as idéias mais abstratas expressam uma realidade concreta, seja para entendê-la, seja para atuar sobre ela. Por isso não vamos procurar saber apenas as idéias de Descartes, *o que* ele disse. É preciso sobretudo explorar as circunstâncias que envolveram a “fabricação” das idéias cartesianas. Por este caminho, poderemos chegar ao *porquê* das suas teorias.

Assim, o *porquê* da paixão de Descartes pela Razão (tomada aqui no sentido de entendimento humano) só ficará evidente se analisarmos o ambiente, as idéias, os valores e as angústias do seu tempo, bem como das pessoas que antecederam o filósofo.

Animal, ok. Mas racional?

Faça uma experiência. Chegue a qualquer rodinha de colegas e faça a pergunta: “O que é o homem?”. Depois do susto diante da questão inusitada, é muito provável que venha a clássica definição: “Ora, o homem é um animal racional”. E qual seria a diferença do homem com outros animais? “Ser humano pensa, bicho não pensa”, dirão.

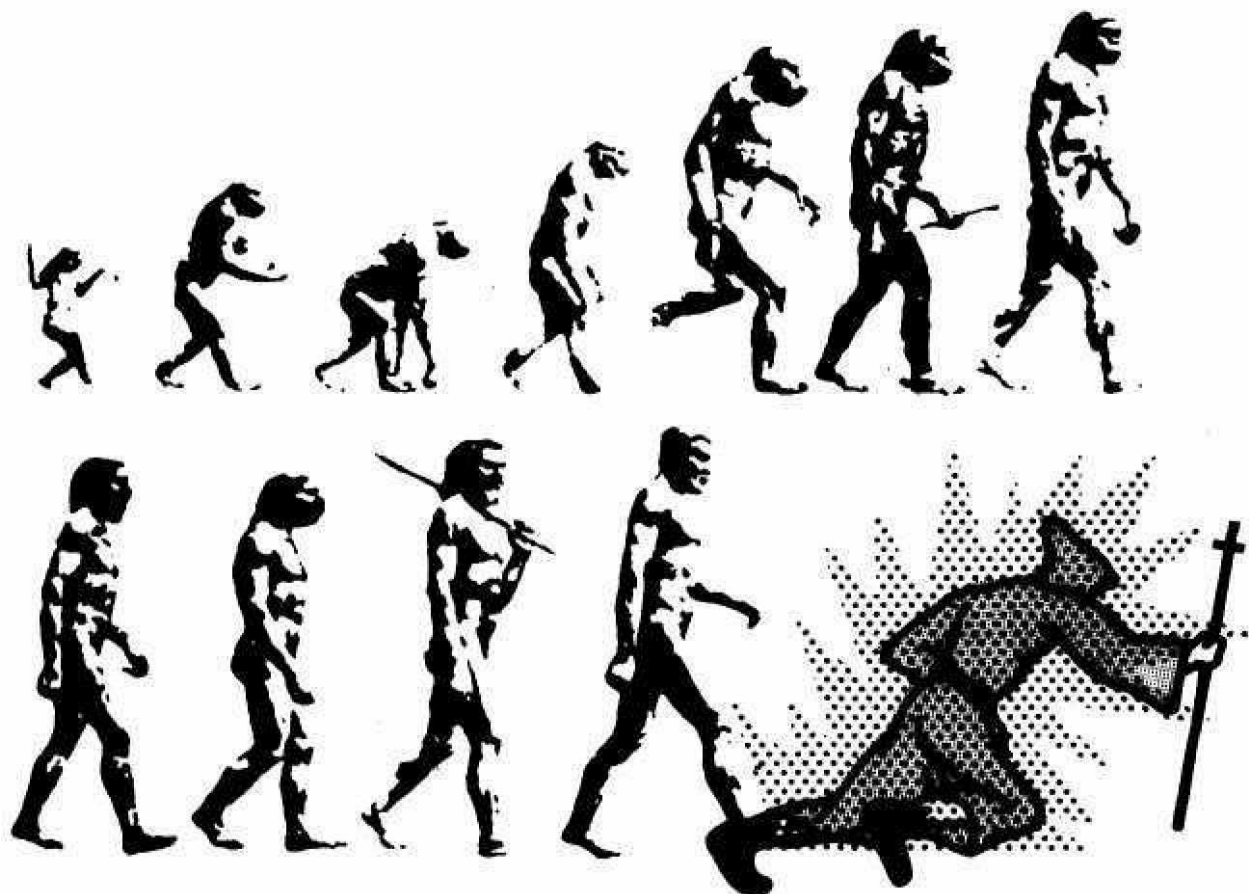
Portanto parece evidente para qualquer um de nós que a característica que nos distingue dos outros animais é a Razão, a capacidade de pensar. Não é óbvio?

Mas, então, por qual motivo na época de Descartes havia tanta preocupação e debate em torno da Razão? Afinal de contas, na cultura do Ocidente a racionalidade humana parecia uma coisa evidente desde o século IV a.C., quando Aristóteles elaborou essa definição de ser humano! De fato, a racionalidade humana foi um problema para o século XVII, o de Descartes, e encarada até com certa angústia.

Não é estranho como algo tão “na cara” possa ser objeto de discussões exaltadas? Por que, depois dos vinte e um séculos que separam Aristóteles de Descartes, o problema da Razão voltou a ser colocado com tanta insistência?

A volta do debate sobre a Razão é um indício de que, em algum momento da história do Ocidente, a racionalidade deixou de ser considerada a marca humana mais característica: em algum período, o homem não foi considerado como ser sobretudo racional.

Quando e como ocorreu essa modificação?



A razão perde o trono

Há quem diga que a Razão “saiu de campo” no Ocidente entre os séculos V e XV d.C. Nesse tempo, a sociedade européia viveu a Idade Média, em que predominou o feudalismo.

Para certos historiadores, a Idade Média é a “Idade das Trevas”. Para eles, nessa época não ocorreram grandes transformações e tudo estava envolto numa aura de religiosidade e misticismo.

Não concordo com essa qualificação pejorativa. De forma alguma a Idade Média foi um período obscuro e improdutivo. Muito se fez, muito se estudou, muito se criou. Mas também é preciso reconhecer que, na Idade Média, as sociedades européias giraram em torno da Igreja Católica e do cristianismo: a *fé cristã* passou a ser o principal guia da existência humana, a Razão perdeu sua posição de condutora privilegiada do homem.

O ponto de partida da Igreja era que Deus já se tinha manifestado aos homens e apontado os caminhos para se alcançar a felicidade e a salvação. A Revelação divina estaria registrada na Bíblia, onde haveria resposta para as dúvidas, angústias e ignorâncias humanas. A rigor, ninguém precisaria pensar nem decidir: bastava conhecer o trecho bíblico adequado. Afinal, um livro inspirado não poderia conter erros.

“Ora, pensavam os medievais, se Deus já revelou aos homens todos os ensinamentos necessários, basta ter fé e seguir a palavra divina.”

Aos membros da hierarquia da Igreja caberia a transmissão das verdades reveladas, para que os fiéis pudessem obedecê-las. De preferência, cegamente.



Quem não acatasse a autoridade do clero – e muitos não o fizeram – era considerado herege, rebelde.

Os hereges foram submetidos a vários tipos de punição, desde a prisão até a morte na fogueira. Ficou tristemente célebre uma espécie de tribunal religioso que julgava e condenava pessoas acusadas de heresia. Por exemplo, o papa Inocêncio IV (1190-1254) criou até uma lei especial que obrigava os príncipes a queimar, num período de cinco dias, todas as pessoas consideradas hereges pela Igreja. Se não cumprisse a determinação pontifícia, o príncipe era excomungado.

A primeira aparição desse tribunal ocorreu na França, em fins do século XII, sob o nome de Inquisição. Também chamada de Santo Ofício, a Inquisição existiu em todos os países católicos da Europa, estendendo mais tarde sua autoridade sobre as colônias (Brasil, inclusive). Logo, foi implantado um regime de terror, patrocinado pela alta hierarquia eclesiástica:

Os bispos tinham ordens de assalariar informantes cujo dever era denunciar todos os cristãos suspeitos, isto é, todos aqueles cuja maneira de viver divergia da dos católicos. Os bispos, então, examinavam estes cristãos e os puniam como achavam conveniente. Os bispos que deixassem de contribuir com suas quotas de hereges queimados eram, por ordem do papa, depostos de seus cargos. Em alguns casos, quando mostravam muita clemência com suas vítimas, eram ameaçados de

prisão, sob a acusação de heresia.

(Henry Thomas, *A história da raça humana*, 2. ed., Porto Alegre, Globo, 1959.)

Na concepção medieval, era muito restrito o campo de ação livre e autônoma da Razão, voltada apenas para situações consideradas secundárias. Quem se arriscasse a usar a Razão como ferramenta de conhecimento não poderia jamais deixar de lado a Revelação bíblica, e muito menos entrar em conflito com ela. Ensinava-se, à força ou não, que confrontar Razão e Revelação era chocar-se diretamente contra Deus (e a Inquisição).

Duelando com a fé

Principalmente a partir dos séculos X e XI, o poder da Igreja estava estreitamente vinculado ao poder dos senhores feudais. Esse vínculo existia porque havia uma mútua dependência econômica, política e militar e também porque a própria Igreja era o maior e mais importante senhor feudal. Além do mais, boa parte dos ocupantes de altos cargos na direção da Igreja era oriunda de famílias poderosas.

A partir do século XIII o feudalismo foi perdendo sua força. Até aquele momento, o feudo era uma estrutura fechada, com economia auto-suficiente (produzia para o próprio consumo), pouca circulação de moedas e posições sociais rígidas (quase sempre, nascia-se e morria-se servo, ou nobre).

Pouco a pouco o comércio foi renascendo e acelerando o ritmo da vida social. A ação do comerciante, que não pertencia a nenhuma classe social existente, começou a estimular a produção de excedentes econômicos, com o objetivo de obter lucros. A acumulação de riquezas serviu de base para novas iniciativas econômicas, e assim por diante.

Iniciava-se o Renascimento. Esse período histórico, que teve seu auge nos séculos XV e XVI, não chegou a ser uma ruptura com a Idade Média, mas foi uma profunda revisão crítica da estrutura anterior. O Renascimento se processou ao mesmo tempo em que ocorreram fenômenos como migrações do campo para as cidades, crescimento da população, descobertas científicas, florescimento de novas técnicas, expansão marítima.

Nessa transição do mundo feudal para o mundo capitalista desponta uma nova classe social: a burguesia. Ela estava assumindo o poder econômico e necessitava conquistar também o poder político. Os burgueses entraram em conflito com tudo aquilo que representasse impedimento ao avanço de seu poder, principalmente os elementos de sustentação da estrutura feudal.

Os adversários da burguesia variaram de acordo com as circunstâncias locais. Às vezes a Igreja foi o principal inimigo. Houve ocasiões em que Igreja e burgueses se uniram para combater a aristocracia decadente. Burguesia e nobreza às vezes se uniram para fundar uma Igreja nacional, como aconteceu na Inglaterra e na Alemanha. Esse movimento religioso, a Reforma, iniciada por Martinho Lutero no século XVI, representou a grande revolução espiritual da época moderna:

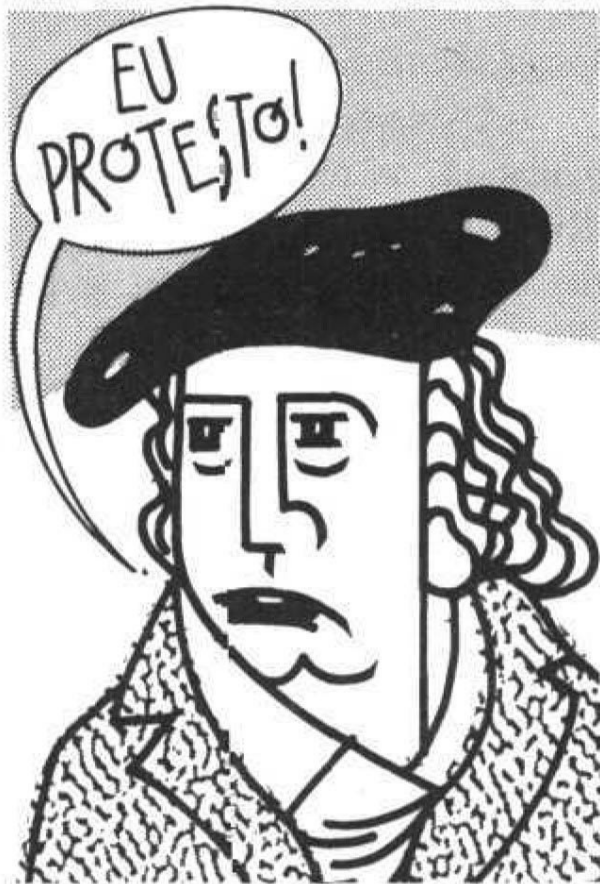
A crise do feudalismo, o desenvolvimento comercial e urbano criaram uma nova realidade econômica. A Igreja, contudo, com sua doutrina da usura, condenando as operações de empréstimo a juros e o lucro de forma geral, impedia o avanço do processo de acumulação. Era necessária uma religião que colocasse os fiéis de

bem com sua consciência, que não impedisse ou, até mesmo, que estimulasse a acumulação de capital. Se esse era o objetivo da burguesia ascendente, por outro lado, a crise do feudalismo criara grandes tensões e conflitos sociais. Era forte a pressão da nobreza contra os camponeses, o que provocava revoltas sociais. Nesse ambiente, uma crise religiosa certamente seria envolvida pelos problemas sociais. Se os senhores eram católicos, os camponeses oprimidos facilmente assumiriam a posição contrária, transformando a luta religiosa numa luta de classes.

No plano político, o processo de formação das monarquias nacionais criava um Estado forte, centralizador; controlar a Igreja era fundamental para o exercício do poder desse Estado. Ao mesmo tempo, uma convulsão religiosa lhe daria oportunidade de confiscar os bens da Igreja, como aconteceu na Inglaterra. Na Alemanha existiam pequenos principados em fase de centralização local, interessados em submeter a Igreja a seu domínio e expropriar-lhe os bens.

(J. J. de A. Arruda, *História moderna e contemporânea*, 19. ed., São Paulo, Ática, 1986.)

Do final do século XV em diante, a passagem para o capitalismo acelerou. Assim, a Europa passou a ser campo de várias “batalhas”, econômicas, políticas, religiosas, científicas e artísticas.



A Igreja passava por uma profunda crise. Cresciam os protestos contra sua forma de controlar os ensinamentos religiosos e até científicos, boa parte das universidades européias da época era controlada pela Igreja. Os grupos que romperam com a Igreja Católica – mesmo fundando outras Igrejas cristãs – foram chamados de *protestantes*.

Muitas dessas batalhas, inclusive armadas, aparentemente tinham motivos religiosos. Mas, na verdade, elas refletiam o verdadeiro confronto para se obter a dominação econômica e a direção política.

Para se ter uma idéia das conseqüências das guerras religiosas, basta lembrar os estragos da mais sangrenta delas: a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), iniciada entre o imperador católico e os príncipes protestantes alemães e logo envolvendo os países do continente europeu. Ao final dessa guerra, a população alemã fora reduzida de dezesseis milhões para seis milhões de pessoas, e a Boêmia teve cerca de trinta mil aldeias saqueadas. A vitória da França católica (que havia apoiado os protestantes alemães) colocou o país na liderança política da Europa durante todo o século XVII. Foi o reinado de Luís XIV.

Na esteira de toda essa movimentação, ocorreu uma crítica radical contra as verdades – religiosas, políticas, científicas – impostas pela Igreja desde a Idade Média.

Registrou-se um abalo dos *dogmas*. Dogmas são verdades religiosas básicas da doutrina católica, que deveriam ser aceitas sem discussão pelos fiéis. Por exemplo: a divindade de Cristo, a virgindade de Nossa Senhora, o pecado original.

Esse conjunto de situações resultou em uma nova valorização da Razão, que passou a ser encarada como a capacidade de qualquer pessoa em *pensar e decidir por si mesma*, sem a influência dominadora de forças externas.



A valorização da Razão individual não apareceu como uma tendência anti-religiosa. Assim, uma das idéias mais importantes da Reforma Protestante era que o ser humano foi criado por Deus

como um ser racional, com livre capacidade para pensar. Por isto, ele pode ler sozinho a Bíblia e interpretá-la por si mesmo, sem ter necessidade de que os sacerdotes o façam em seu lugar.

Como conseqüência dessa atitude de “livre exame” das Escrituras, organizaram-se escolas de alfabetização nos países em que se fundaram igrejas protestantes. Dessa forma, o povo poderia ler a Bíblia sozinho. Também foram feitas traduções da Bíblia para a língua daqueles países: para ter contato com a palavra de Deus, ninguém mais precisava saber latim, língua que poucas pessoas entendiam. Pode-se perceber o significado dessas modificações numa época em que só a elite era alfabetizada!

A valorização da maior liberdade individual no uso da própria Razão provocou o surgimento de novas concepções políticas e de organização social. Também se começou a encarar de nova maneira a tarefa da ciência e a função das universidades.

Não dava mais para disfarçar. Estava na ordem do dia o confronto Fé *versus* Razão. Mas não se tratava apenas de uma disputa sobre o que deve guiar a humanidade. Por trás disso tudo estava o combate mais radical entre dois modos diferentes de organizar a vida econômica e social: de um lado, as estruturas feudais em desintegração e, de outro, o nascente capitalismo.

“Fazer a cabeça” de outro jeito!

A gestação dessa forma de organizar a vida em todos os seus aspectos exigia uma nova mentalidade. O homem europeu precisava desenvolver uma nova atitude perante a realidade e se re-colocar no universo.

Uma das manifestações dessa mentalidade humanista está num trecho da peça *Hamlet*, do gênio inglês William Shakespeare (1564-1616):

Que obra de arte é o homem:

*tão nobre no raciocínio,
tão vário na capacidade,
em forma e movimento, tão preciso e admirável,
na ação é como um anjo,
no entendimento é como um Deus,
a beleza do mundo,
o exemplo dos animais.*

Não havia mais condição de considerar que o ser humano está na Terra apenas de passagem, aguardando o momento de sua salvação por Deus. Ninguém mais aceitava a idéia de que o universo é um grande mistério, criado apenas para ser admirado e pretexto para se cantarem louvores ao Criador.

O capitalismo trouxe uma nova verdade, que alterou tudo: o mundo deveria ser transformado, alterado e continuamente reconstruído. Dentro da nova mentalidade, entendia-se que a criação de Deus precisava ser completada pelo homem.

Afinal, se, como diz a Bíblia, o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, e se a grande obra divina foi o mundo, então da mesma forma o homem precisaria fazer também a sua criação. O ato de trabalhar e transformar a realidade seria uma seqüência do trabalho divino, agora imposto a todos os homens.

Deste ponto de vista, a Razão tornou-se a principal ferramenta do homem. Não bastava mais ter fé, acreditar em palavras antigas. Era preciso descobrir como funciona a natureza, para compreender o mundo e interferir em suas leis. A ciência não se restringia mais à teoria, mas precisava apresentar invenções, aplicações práticas.

A nova visão de mundo decorrente da experiência da burguesia produziu grandes avanços, mas evidentemente estava impregnada de interesses particulares: aumento dos lucros, maior dominação econômica e política, crescimento da produção. Num nível mais geral, a mentalidade que passou a valer foi a de usar o mundo a serviço do homem, até mesmo como uma forma de manifestar que o homem está no mundo a serviço de Deus. Assim, a teologia católica e a protestante se adaptaram às novas forças sociais.

Já vimos que essa “troca de mentalidades” foi muito conflituada. A época medieval, cujos resíduos ainda permaneciam, foi caracterizada como obscurantista, em sua religiosidade cheia de dogmas e de medo, e produtora de uma ciência inútil e errada. A nova Razão negou com veemência tudo o que “cheirasse” a passado.

A Razão deveria ser livre; ela mesma – e não mais a autoridade, o costume, a religião – faria as próprias leis.

O filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626), um precursor da ciência moderna, fez estremecer essa apatia mental. Entre outras manifestações de inconformismo, ele escreveu:

A reverência à Antiguidade, o respeito à autoridade de homens considerados como grandes mestres de Filosofia e o geral conformismo para com o atual estágio do saber e das coisas descobertas também muito retardam os homens no caminho do progresso das ciências, mantendo-os como que encantados.

(Novum organon)

Exigiam-se explicações racionais sobre o universo: compreendia-se que ele é regido por leis e que essas leis são racionais. Surgiu uma nova certeza: o mundo tem uma lógica, uma racionalidade própria.

Nunca mais a ciência se basearia em princípios a serem “acreditados”: suas leis deveriam ser descobertas, arrancadas da experiência cotidiana pela Razão. Usando a Razão, o homem conhece e transforma. E se liberta!

Soltos no espaço

Muito bem: o homem passou a ser considerado parceiro de Deus. Então era preciso ter certeza de que os mecanismos da Razão eram confiáveis e que ela responderia às dúvidas e até às angústias do homem.

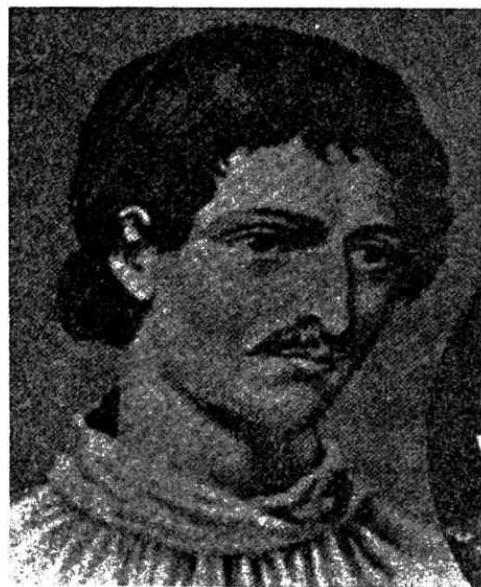
Afinal de contas, a religião tinha oferecido até aquele momento segurança, bem-estar espiritual e explicação para todas as coisas. Mas, se a fé tinha perdido toda essa importância, o ser humano estava agora frente a frente com o próprio destino, armado apenas da Razão. Só isso bastaria?

Era urgente ter certeza sobre a utilidade da Razão. Enquanto isso não acontecia, o europeu do século XVII experimentava muita apreensão e desconforto. A Europa deixou de ser um continente fechado; uma sensação de alargamento tirava o chão de baixo de seus pés.

Contribuíram para essa situação sobretudo as grandes navegações, a revolução científica, a multiplicação das publicações e o florescimento das cidades.

Em primeiro lugar, houve uma acelerada ampliação do mundo conhecido. Embora as grandes navegações tenham sido desenvolvidas nos dois séculos anteriores, sobretudo por Portugal e Espanha, a cada momento os europeus estavam descobrindo novas terras, novos povos, novas culturas. Os relatos dos viajantes e os exemplares – vegetais, animais e . . . humanos – trazidos para seus países exibiam formas de viver sequer imaginadas. Diante de toda essa variedade, o europeu sentiu-se profundamente abalado em suas antigas crenças e valores.

Em segundo lugar, o próprio universo se alargava e a Terra não era mais seu centro. Até então se *acreditava* em Aristóteles, que, no século IV a.C., dissera que tudo girava em torno deste nosso planetinha. Ninguém se achava bastante inteligente para ousar contestar o gênio do filósofo grego. Essa confortável certeza começou a ser abalada em 1543, pela *teoria heliocêntrica* de Copérnico. O Sol, e não mais a Terra, era o centro do sistema planetário. Essa teoria era tão subversiva que Giordano Bruno foi queimado em 1600 pela Inquisição por retomar as idéias de Copérnico, e em 1632 Galileu Galilei foi obrigado a fazer uma retratação pública dessas idéias perigosas. Mas não adiantou. Galileu e Kepler provaram matematicamente a teoria heliocêntrica e a aperfeiçoaram.



Giordano Bruno



Copérnico

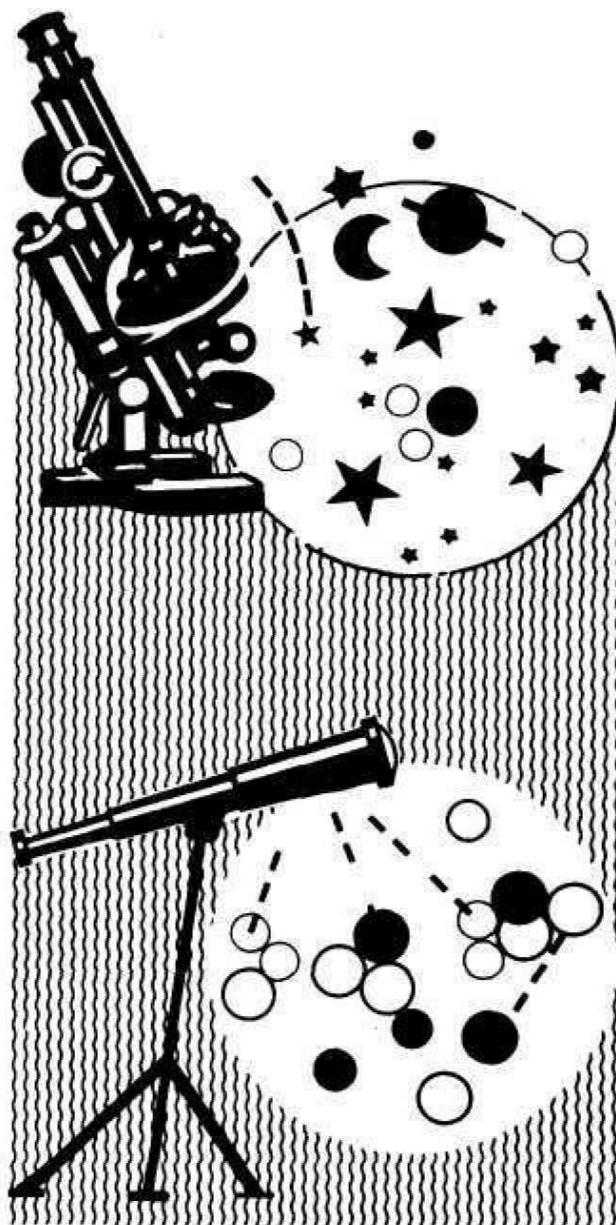


Galileu



Kepler

Além da Astronomia, o século XVII presenciou um extraordinário desenvolvimento de outras ciências.



Isaac Newton foi o fundador da Física moderna, e sua influência chegou até o século XX. Suas pesquisas voltaram-se para as leis que regem o universo, que funciona como uma máquina autônoma (embora o cientista ensine que Deus deu o primeiro impulso, mas em seguida se retirou). Newton também pesquisou conceitos como massa, força, inércia, movimento, tempo e descobriu as cores que compõem a luz. Outros cientistas contribuíram para a Física ao fazer descobertas sobre fenômenos elétricos, a elasticidade do gás, a pressão atmosférica e a teoria ondulatória da luz. Nessa época foram criadas a máquina pneumática, a máquina elétrica e o barômetro.

A invenção do microscópio (em 1590, pelo holandês Zacharias Jansen) e do telescópio (pelo ótico holandês Hans Lippershey, em 1608, e desenvolvido no ano seguinte por Galileu) ampliaram a percepção humana de um universo infinitamente grande e infinitamente pequeno.

Robert Boyle é apontado como o fundador da Química moderna, ao denunciar os erros dos

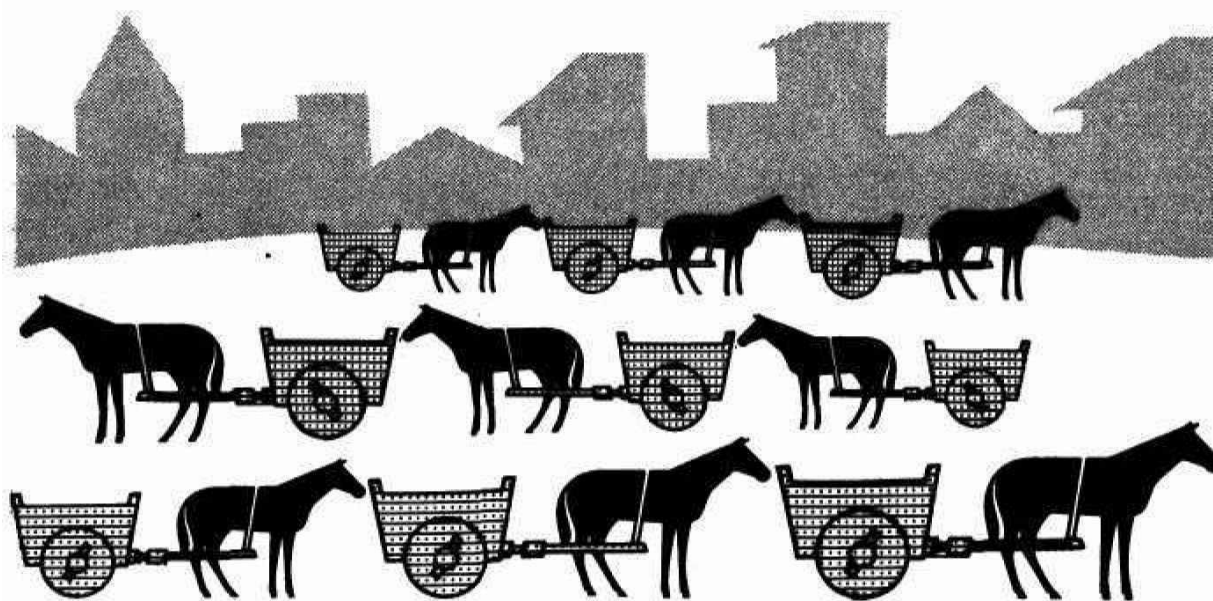
alquimistas, ao iniciar a Química orgânica e ao definir uma nova classificação dos compostos. Também refletiu sobre a teoria atômica. A Biologia apresentou conquistas como a estrutura celular das plantas, suas formas de reprodução vegetal e, no homem, a descoberta dos espermatozoides.

Essas novas visões faziam em pedaços as crenças anteriores e colocavam muito pouco em seu lugar. Havia muitos riscos em apresentar novas descobertas, em apresentar novas idéias.

Em terceiro lugar, no século XVII desenvolveu-se uma espantosa capacidade de divulgação do conhecimento. Iniciada no século XV, a impressão em papel mostrou-se como a mais eficaz forma multiplicadora de idéias que a humanidade já utilizara até aquele momento.

Antes do século XV, os livros eram feitos a mão. Demorava-se dois anos para que quarenta e cinco copistas produzissem duzentos exemplares de um livro. Pois bem, nos primeiros cinquenta anos depois que o alemão Guttenberg inventou a imprensa (por volta de 1450), foi publicado um total de dez milhões de exemplares, de quarenta mil livros diferentes!

Em quarto lugar, as cidades se tornaram o principal centro da vida das pessoas. Muito mais gente se agrupava no mesmo lugar, tendo de conviver, trabalhar e competir. Esse convívio urbano acelerado trouxe à tona questões importantes: Quem manda? Quem organiza a cidade? Quem faz as leis da vida em grupo? Como proteger a individualidade em meio a grandes populações?



A vida dos grandes centros se tornou atribulada e veloz. As idéias circulavam livre e rapidamente. Nessa agitação toda, as certezas e as incertezas se entrecruzavam! De um lado, muita mudança; de outro, insegurança. De um lado, muito avanço; de outro, muito medo.

A questão básica era: Para onde estamos indo? Para onde a Razão pode levar-nos?

Tudo estava sendo sacudido. Até a própria Razão. O europeu já não enxergava mais harmonia e estabilidade em sua realidade cotidiana. Seria possível ainda encontrar verdades que valessem para todos? Ou será que se entrava na fase do “cada um por si”? Afinal, se cada pessoa tinha dentro de si a própria Razão, se cada um era livre para saber e compreender, então passou a valer tudo. Qualquer verdade poderia ser afirmada, da mesma forma que qualquer verdade poderia ser negada. (Vivia-se um clima cultural semelhante ao do século V a.C. na Grécia antiga,

com a formação das *pólis*, a implantação da democracia e os debates entre filósofos.)

Situação contraditória! Numa época em que a Razão dos indivíduos foi colocada no altar, correu-se o risco de ela se tornar fraca demais para auxiliar a humanidade.

Começar do zero

Para superar as incertezas do conhecimento, já não bastava “corrigir” as crenças e a ciência do passado. Como disse Descartes, era preciso demolir tudo o que já se sabia e, só então, começar do zero. Era preciso construir um conhecimento do mundo e da vida apoiado em bases racionais sólidas, acima de quaisquer dúvidas.

Era essencial encontrar um novo ponto de partida para o conhecimento verdadeiro. Não apenas *um* caminho, entre tantos, mas *o* caminho!

A partir dessa proposta instalou-se no horizonte cultural europeu do século XVII uma busca apaixonada de uma Razão que fosse válida para todos os homens e para qualquer campo de conhecimento. Os pensadores precisaram justificar, sem deixar dúvidas, a razão pela qual o ser humano tinha motivos para apaixonar-se por si mesmo e por sua capacidade racional.



Vamos Refletir

1. Analise os textos de Marx, Shakespeare e Bacon (neste capítulo), debatendo os pontos que chamarem sua atenção. Relacione esses pontos com o espírito do mundo atual e da sociedade brasileira.
2. Indique situações do nosso cotidiano em que intervêm a razão e a fé.
3. Comente a frase de Shakespeare:
Há no céu e na terra bem mais coisas do que sonhou jamais nossa filosofia (em *Hamlet*).
4. Relacione as músicas *O maior mistério* e *Oriente* (anexas) com a problemática tratada neste capítulo.

Propostas de Atividades

1. Converse com um artista sobre os motivos e acontecimentos que influenciaram sua atividade em diferentes momentos.
2. (Atividade interdisciplinar) Em conjunto com os professores de disciplinas correlatas, monte cartazes sobre a política, a cultura e a ciência no século XVII (comparar com a Idade Média).
3. Faça um levantamento sobre o que se entende hoje por “ser humano”. Entreviste grupos diferenciados (por idade, raça, classe social etc.) ou então retire exemplos da publicidade ou de noticiários.
4. Assista/debata algum dos filmes (vídeo): *Giordano Bruno*, *Galileu Galilei*, *O nome da rosa*, *Os deuses devem estar loucos* (trata do choque cultural) e *Muito além do jardim* (a TV é “janela para o mundo”?).
• Leitura complementar opcional: *O herege*, de Morris West.

Anexos

1. O maior mistério

Renato Teixeira

O maior mistério é ver mistérios
Ai de mim, senhora natureza humana
Olhar as coisas como são, quem dera
E apreciar o simples que de tudo emana

Nem tanto pelo encanto da palavra
Mas pela beleza de se ter a fala

2. Oriente

Gilberto Gil

Se oriente, rapaz,
Pela constelação do Cruzeiro do Sul.
Se oriente, rapaz,
Pela constatação de que a aranha vive do que tece,
Vê se não esquece,
Pela simples razão
De que tudo merece consideração.
Considere, rapaz,
A possibilidade de ir pro Japão,
Num cargueiro do Loyde lavando o porão,
Pela curiosidade de ver onde o sol se esconde,
Vê se compreende,
Pela simples razão de que tudo depende
De determinação.
Determine, rapaz,
Onde vai ser seu curso de pós-graduação.
Se oriente, rapaz,
Pela rotação da Terra em torno do Sol.
Sorridente, rapaz,
Pela continuidade do sonho de Adão.

Capítulo 3

Deus ajuda a quem cedo madruga?



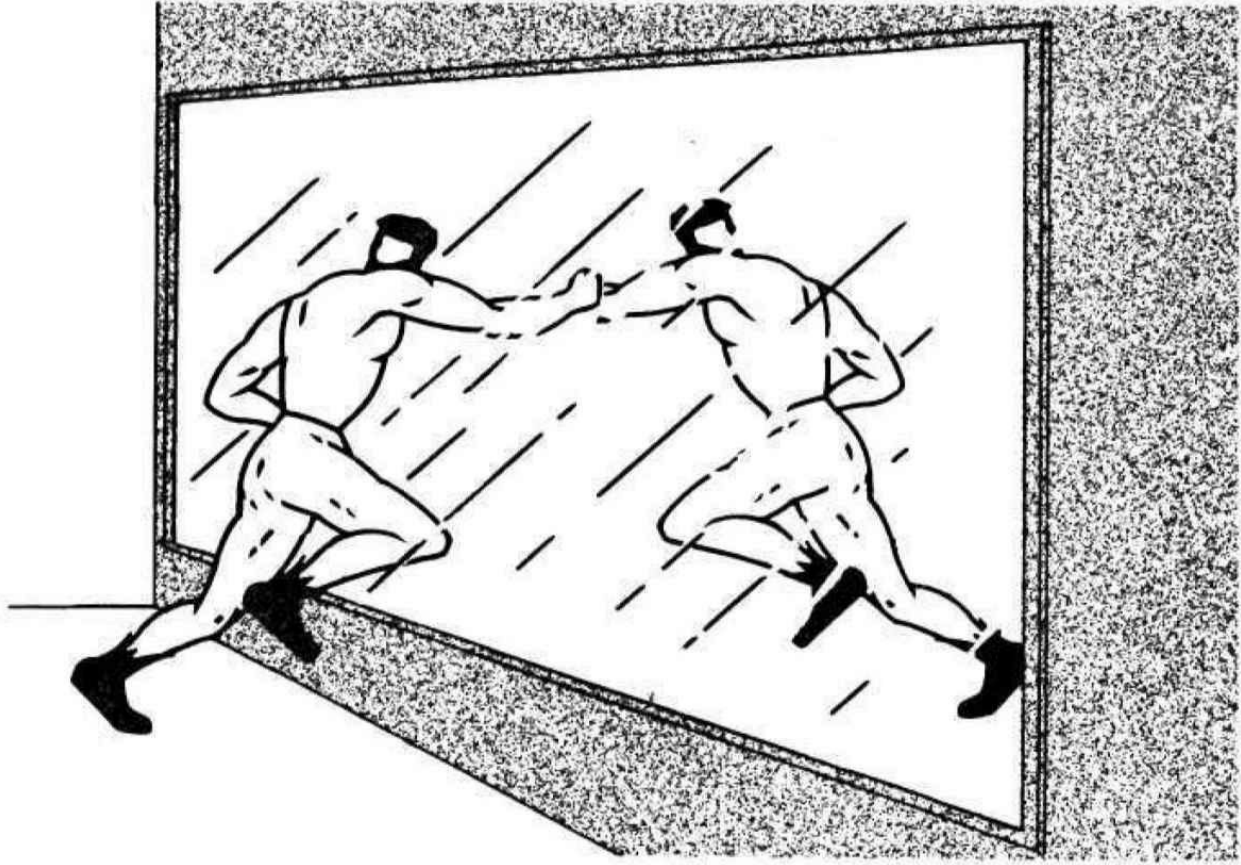
Já faz algum tempo, eu me dei conta de que, desde meus primeiros anos, tinha recebido como verdadeiras muitas falsas opiniões. Assim, senti necessidade de, uma vez em minha vida, tentar seriamente desfazer-me de todas as opiniões em que acreditara até aquele momento, e começar tudo de novo, desde os alicerces. Percebi que teria de proceder desta forma se quisesse estabelecer uma base firme e constante nas ciências.

(Descartes, *Meditações*, I)

Vamos começar . . . pelo fim! Descartes morreu cedo, aos 54 anos, em 1650. Um dos “causos” sobre a sua vida dá conta de que ele (só ele?) gostava de acordar tarde. O filósofo quase nunca se levantava antes do meio-dia. Na época de sua morte, ele se transferiu da Holanda para a Suécia. Cristina, a jovem rainha sueca, de 23 anos, era muito dedicada a estudos filosóficos e convidou Descartes para ser seu professor particular. Lá foi ele para a capital, Estocolmo, cidade de clima extremamente frio.

A rainha começava o dia cedo e marcou as aulas de Filosofia para as cinco horas da manhã! Esse horário, claro, era uma tortura para quem gostava de acordar mais tarde e estava acostumado ao clima mais ameno da França e também da Holanda, onde vivera nos últimos vinte anos.

Descartes sempre teve uma constituição física frágil. Chegou à Suécia em outubro de 1649 e morreu, de insuficiência pulmonar, cinco meses depois. Morte prematura, mas vida repleta de descobertas e batalhas. Entre 1596 e 1650 viveu um dos homens que mais influenciou a vida no mundo ocidental.



Viajar para dentro . . .

Pode parecer estranho, mas o fato é que o “pai” do racionalismo moderno, o grande criador de um novo método de pensamento dentro das ciências, era muito pouco aplicado ao trabalho, se o julgarmos pelos critérios atuais de eficiência.

Descartes dedicava poucas horas por dia ao trabalho e à leitura. No entanto sua capacidade de concentração e de produção era tamanha que nos deixou obras em áreas tão variadas como Filosofia, Matemática, Física e Música. Evidentemente, uma produção teórica em campos tão diversos não foi fruto do acaso ou de uma genialidade caída do céu. O filósofo soube tirar muito proveito das boas condições de vida que teve.

Descartes nasceu no dia 31 de março de 1596, de família burguesa, proprietária de terras e voltada para o comércio e a medicina, na cidade francesa de La Haye – hoje chamada *Descartes*. Seu pai, Joachim, era conselheiro do rei no Parlamento da Bretanha e deixou-o aos cuidados da avó quando tinha apenas um ano. Sua mãe morreu e o menino já tinha saúde precária.

Em 1606, com dez anos, Descartes começou a frequentar o Colégio Real de la Flèche, próximo da cidade de Anger (noroeste da França). Ali só estudava quem tinha uma situação financeira muito boa. Dirigido pelos jesuítas, o colégio era considerado um dos melhores da Europa, e logo após ser inaugurado, em 1604, já contava com mil alunos. Descartes ficou interno até 1614 e recebeu uma boa base teórica sobre a Filosofia de Aristóteles, a Teologia de santo Tomás de Aquino, Literatura e Matemática. A escola era apoiada pelo rei, tinha alto nível de ensino, mas era muito conservadora, dando uma formação carregada de religiosidade e que incutia

fidelidade à monarquia. No La Flèche foi comemorada, em 1611, a descoberta, feita por Galileu, dos satélites de Júpiter, e Descartes ficou muito impressionado.

A falta da mãe e o distanciamento do pai deram ao futuro filósofo o gosto da independência e a percepção de que é possível viver bem contando apenas consigo mesmo. Aliás, os jesuítas entenderam sua personalidade peculiar e permitiam que o jovem dedicasse longos períodos à meditação, não o sobrecarregando com obrigações inúteis. Os padres permitiam aos alunos uma vida social mais aberta e eles freqüentavam as “boas famílias” da cidade.

Descartes sempre reconheceu que o ensino do colégio dos padres era de boa qualidade, mesmo mais tarde, quando suas idéias foram atacadas pelos antigos mestres. Mas, já adulto, considerou insatisfatória sua passagem pelo La Flèche, afirmando que saiu de lá com opiniões incertas e sem aplicação prática para a vida. Também sentia falta de um sentido de unidade às matérias, que ficavam dispersas.

Desde a infância fui alimentado nas letras. Estava convencido de que, através delas, era possível adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida; por isso, sentia extraordinário desejo de aprendê-las. Mas, logo que terminei meu curso – quando se costuma ser recebido no círculo dos sábios –, mudei inteiramente de opinião. Eu estava tão cheio de dúvidas e erros que o único benefício que parecia ter obtido dos meus estudos foi descobrir cada vez mais a minha ignorância.

(Discurso do método, I)

Entre 1614 e 1616, Descartes estudou Direito na cidade de Poitiers. Formou-se aos vinte anos, mas não seguiu essa carreira. Ele não tinha necessidade: sempre dispôs de boas condições econômicas e nunca precisou trabalhar. Nem por isso ele se dedicou à confortável vida mundana dos salões elegantes da época: sua reflexão filosófica era um objetivo pessoal tão forte que tomou conta de toda a sua vida. Nessa época os ódios religiosos e as lutas políticas estavam muito acirrados. Vivendo nesse clima, o jovem filósofo desenvolveu uma atitude radicalmente oposta ao fanatismo.

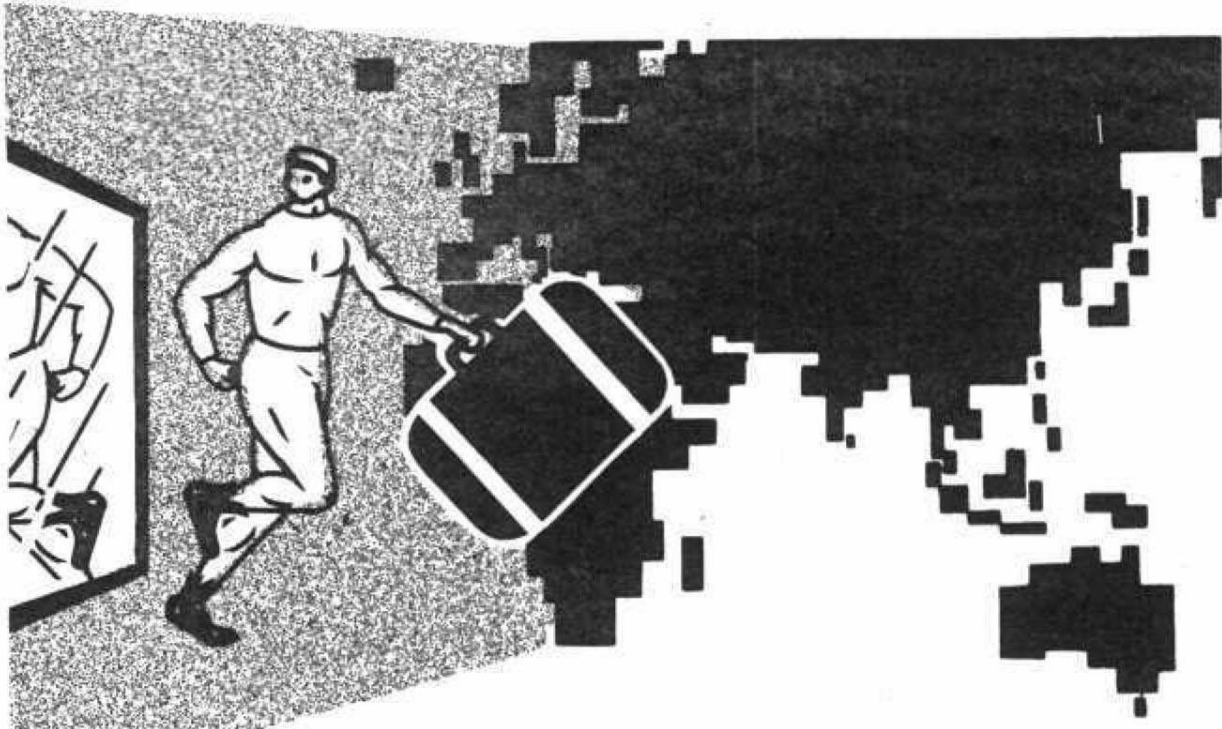
Terminados os estudos, Descartes foi morar em Paris, a capital política e cultural da França. Como era muito tímido e recolhido, levava uma vida muito própria, dedicada à meditação e a suas pesquisas. O “agito” de Paris parece ter incomodado demais o filósofo. Seu gosto pelo isolamento e a urgência de conhecer coisas novas levaram-no a retirar-se para o interior da França. Lá mergulhou no estudo da Geometria. O retiro durou pouco: logo seus amigos o descobriram. Lá se foi a tranqüilidade!

. . . e viajar para fora!

Eu acreditava já ter dedicado bastante tempo às línguas e à leitura dos livros antigos, a suas histórias e a suas fábulas. Pois bem: considero que viajar é o mesmo que conversar com pessoas de outros séculos. É bom saber algo de diversos povos, para julgarmos de maneira mais aberta os nossos costumes. Assim, não pensaremos que tudo quanto é diferente dos nossos hábitos é ridículo e contrário à Razão, como costumam proceder aqueles que nada viram.

(Discurso do método, I)

A idéia de que viajar se assemelha a conversar com outras épocas (através dos livros) dirigiu a vida de Descartes. Ele aproveitou os constantes deslocamentos de exércitos pela Europa para poder viajar. Ingressou em 1618, sem receber soldo, no exército holandês, sob o comando do príncipe Maurício de Nassau. Alistar-se em exércitos estrangeiros era um costume muito comum dos jovens naquela época. Nesse mesmo ano Descartes se encontrou com o jovem sábio holandês Beeckman, que chamou sua atenção para questões de Matemática e Física.



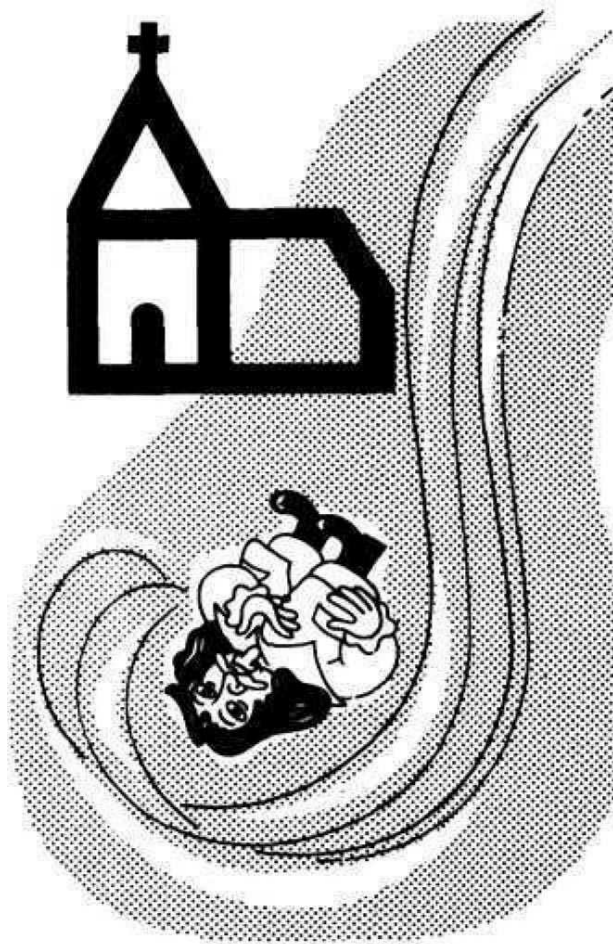
Por estranho que pareça, Descartes teve muita tranqüilidade entre os militares holandeses, que naquele momento não estavam envolvidos em nenhuma guerra. Para continuar as viagens, em 1619 ele se engajou em outro exército, da Baviera (região da Alemanha atual).

Logo que a idade me permitiu sair do controle de meus professores, deixei inteiramente o estudo das letras. Resolvi não procurar outra ciência além daquela que poderia achar em mim próprio, ou então no grande livro do mundo. Assim, empreguei o resto da minha mocidade em viajar, em ver cortes e exércitos, em freqüentar gente de diversos temperamentos e condições, em recolher diversas experiências. Pretendia pôr-me à prova nos encontros que o acaso me propunha. Por toda parte dediquei-me a refletir sobre as coisas que me apareciam, de tal modo que eu pudesse tirar algum proveito delas.

(idem)

No inverno de 1619, na Alemanha, a “vocação filosófica” de Descartes teve um momento de importante confirmação. Foi uma iluminação em que, durante horas de entusiasmo intelectual, o filósofo disse ter descoberto os “fundamentos de uma ciência admirável”. Ele teria tido três sonhos que considerou inspirados por Deus.

Esses sonhos não foram percebidos com clareza pelo filósofo, e até hoje são motivo de interpretações. Em geral se concorda que eles foram a antecipação dos grandes temas da obra cartesiana.



No primeiro sonho, Descartes viu-se envolvido por um vento forte, um turbilhão, que o empurrava de encontro à capela de um colégio. No caminho, passou por uma pessoa conhecida, mas não a cumprimentou.

No segundo sonho, o filósofo observou uma fruta semelhante a um melão, que lhe aparecia de forma distante e tentadora.

O terceiro sonho veio logo em seguida; Descartes percebeu sobre a mesa um livro semelhante a um dicionário, mas não sabia quem o tinha colocado ali. Ao mesmo tempo, viu um livro em sua mão, com a inscrição: “Que caminho seguir em sua vida?”

O turbilhão do primeiro sonho parecia representar o universo, que desafia a ciência, a qual vai de encontro ao ensinamento da Igreja. O fruto tentador seria o que o filósofo viria a denominar como o “gênio maligno”. Finalmente, Descartes exprimiu o seu dilema entre um saber que tem os

significados definidos (o dicionário) e um caminho (tradução da palavra grega *methodos*) próprio, para a sua vida.

Viajar, para dentro e para fora! Não procurar outra ciência senão aquela que possa ser achada em si próprio e no grande livro do mundo. Essa foi a característica permanente da vida de Descartes.

Em 1620 Descartes se afastou da vida militar, mas continuou viajando. Voltou com calma à França, passando antes por várias regiões da Alemanha e dos Países Baixos. Em 1622 vendeu algumas propriedades e começou a formar sua fortuna. Viajou à Itália e fez uma peregrinação ao santuário de Nossa Senhora de Loreto, para agradecer a inspiração dos três sonhos. Também esteve na Suíça e na Inglaterra.

Entre 1625 e 1627 viveu em Paris, levando uma vida em que se misturaram aspectos mundanos com momentos místicos. Na mesma época em que se bateu em duelo por causa de uma mulher, tornou-se amigo de sacerdotes e do influente cardeal Bérulle. Nos salões literários conviveu com inúmeros escritores, sem deixar de lado os sábios e cientistas.

Descartes ficou nessa “vagabundagem filosófica” até 1628. Nesse ano, para escapar dos compromissos sociais que na França lhe tomavam muito tempo, para proteger-se das lutas entre católicos e protestantes, das revoltas dos camponeses e para aprofundar seus conhecimentos, mudou-se definitivamente para a república da Holanda. Esse próspero país era o que oferecia maior liberdade de pensamento e tolerância filosófica e religiosa. Dessa forma, Descartes esperava ter um contato mais estreito e livre com o saber mais atual, pesquisado e inventado na Europa.

A terra da liberdade

O filósofo viveu na Holanda durante cerca de vinte anos. Mudava constantemente de moradia e de cidade, ao sabor dos convites e de sua curiosidade intelectual. Morou algum tempo em Amsterdã, onde se dedicou à dissecação de animais. Em geral, como sistema de vida, procurava esconder-se para não perder a tranqüilidade. *Vive bem quem se esconde*, era sua máxima favorita. Selecionou seus contatos, dedicando especial interesse às amizades, com quem manteve uma correspondência muito interessante.

Estabeleceu relações estáveis com Helena, provavelmente sua empregada, com quem teve uma filha, Francine, nascida em 1635 e batizada na religião protestante.

Durante o tempo em que esteve na Holanda, Descartes dedicou-se a seus estudos e a consolidar sua obra escrita. Pesquisou fenômenos naturais, problemas matemáticos e questões filosóficas.



Em junho de 1637 foi publicado o *Discurso do método*, sem o nome do autor, que queria “proteger-se da inveja”, como escreveu mais tarde. Foi a primeira obra impressa do filósofo, que desde 1633 adiou sua divulgação, impressionado com a segunda condenação de Galileu, pelo Santo Ofício, por defender a teoria heliocêntrica. Não se sabe se esse adiamento foi motivado pela cautela do filósofo diante de perseguições, ou se ele queria preservar-se de polêmicas que lhe pareciam estéreis (ou ambas as coisas).

Ao escrever o *Discurso* em francês e não em latim – “língua filosófica” da época – Descartes pretendia ampliar o círculo de seus leitores. O sucesso foi imediato. O ano de 1637 teve muita atividade e também, alegria, devido à convivência com Helena e Francine, na cidade de Santport, para onde o filósofo se transferira. Mas essa felicidade durou até 1640, quando morreu sua filha, de escarlatina. Descartes confessa que esse foi o maior desgosto de sua vida. Nesse mesmo ano morreu também Joachim, seu pai, que lhe deixou muitas propriedades de herança. O filósofo vendeu-as e aplicou o dinheiro, obtendo rendimentos mais do que suficientes para o resto da vida.

Ao contrário do que desejava Descartes, os seus livros seguintes acenderam muitas polêmicas, com filósofos, cientistas, com seus antigos mestres jesuítas (que se tornaram seus adversários) e até com autoridades. A famosa querela de Utrecht foi iniciada por Voet, reitor da universidade local, que o acusou de ateísmo. Essa grave polêmica terminou em 1642 com a condenação, pelo conselho da cidade, da Filosofia cartesiana. Descartes temia ser preso e ter seus escritos queimados em praça pública. A intervenção do embaixador francês conseguiu que o processo fosse suspenso.

O filósofo passou a ser conhecido em toda a Europa. Mudou-se para um pequeno castelo, onde recebia e até hospedava os amigos que lhe continuavam fiéis. Nessa época fez amizade com a princesa Elysabeth, de 25 anos, refugiada alemã na França, a quem dedicou os *Princípios de*

Filosofia e com quem manteve intensa correspondência. Também regressou a seu país duas vezes.

Principais obras de Descartes

Discurso do método (para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências), publicado em francês (1637) e em latim (1644).

Meditações metafísicas, publicado em latim (1641) e em francês (1647).

Princípios de Filosofia, publicado em latim (1644) e em francês (1647).

As paixões da alma, publicado em francês (1649).

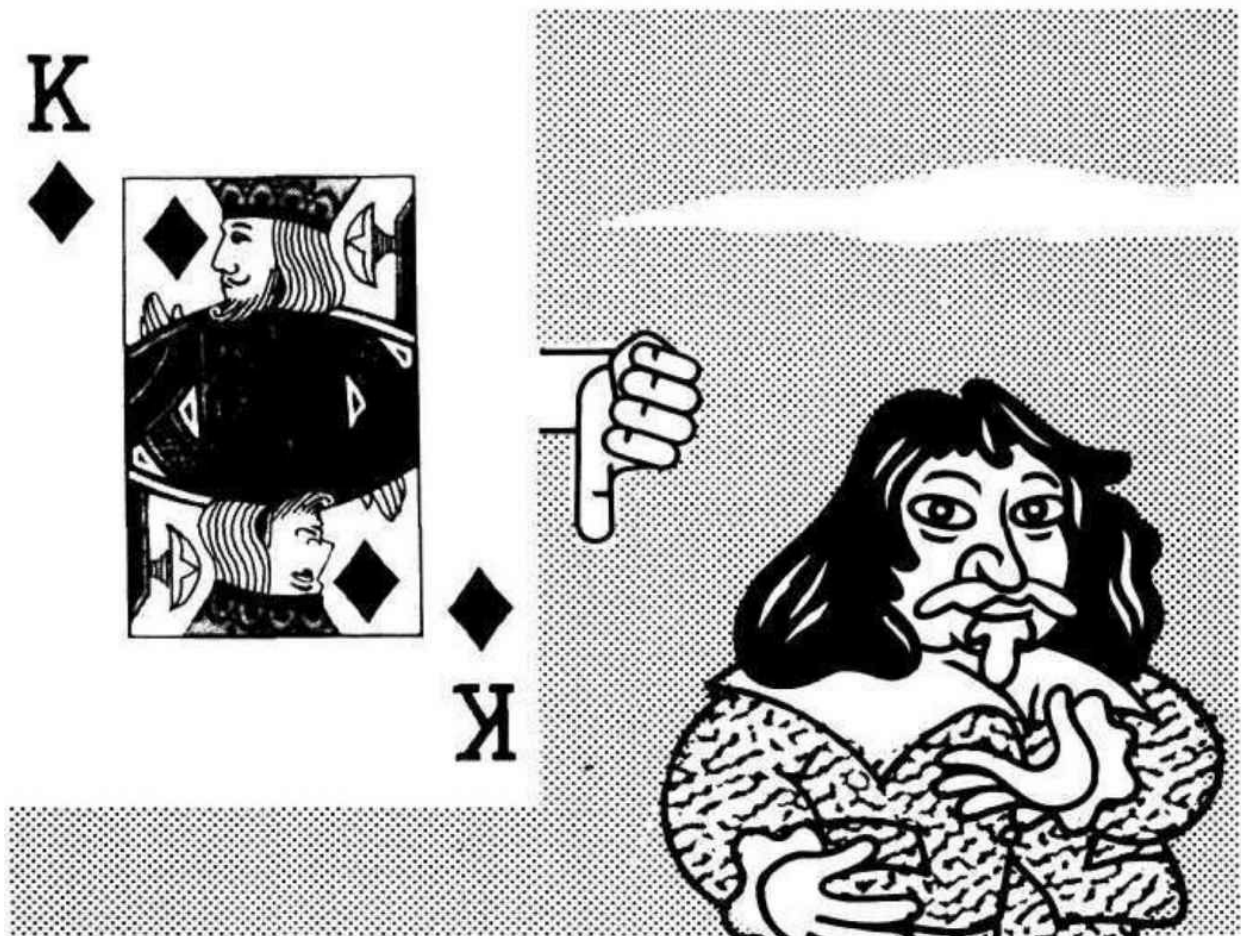
Tratado do mundo e da luz, publicação póstuma em francês (1664).

Regras para a direção do espírito, publicação póstuma em latim (1701).

Obs.: As datas referem-se às edições originais; é evidente que, dada a importância do filósofo, existem traduções de sua obra em inúmeras línguas contemporâneas.

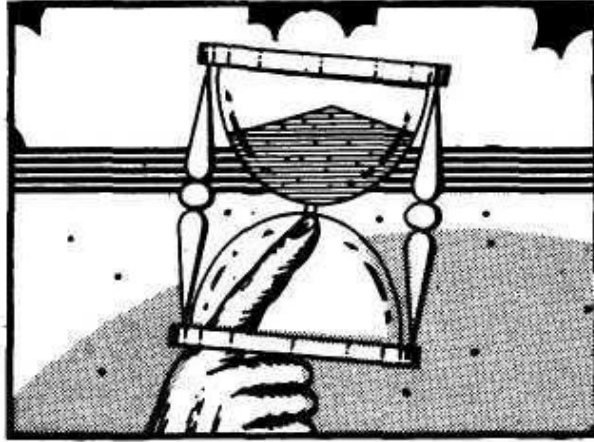
Depois de insistentes convites da rainha Cristina da Suécia, Descartes acabou concordando em mudar-se para a corte sueca, onde chegou em outubro de 1649. “Não estou no meu elemento”, comentou o filósofo, referindo-se às fúrias da corte. Não obstante, compôs para a rainha um bailado, intitulado *O nascimento da paz*. Em janeiro de 1650 apanhou uma pneumonia, que relutou em tratar a tempo. Seu estado piorou. No dia 11 de fevereiro, rodeado pela família e assistido pelo seu orientador espiritual, Descartes morreu.

Luís XIV, o “Rei Sol”, dando ouvidos aos inimigos que o acusavam de ateísmo, proibiu que fosse feita na França uma oração fúnebre pelo filósofo.



A vida de Descartes não foi muito diferente da que levaram outros homens de seu tempo e de sua classe social. Até seu lado pitoresco era comum aos burgueses da época: sempre bem vestido, era considerado um homem vaidoso. Os movimentos visíveis da vida do filósofo não chegaram a chamar a atenção. A sua imensa novidade foi a reflexão que realizou sobre os dramas de seu tempo.

Cronologia



- 1596 – Nascimento de Descartes, em La Haye, França.
- 1597 – Galileu constrói um termômetro.
- 1598 – Promulgação do Edito de Nantes por Henrique IV, estabelecendo a liberdade de culto para os protestantes da França (revogado por Luís XIV em 1685).
- 1600 – Giordano Bruno é executado em Roma.
- 1606 – Descartes ingressa no Colégio Real de la Flèche; é inventada a primeira máquina de fiar.
- 1610 – Henrique IV é assassinado; sobe ao trono Luís XIII.
- 1611 – Kepler inventa o telescópio; Galileu descobre os satélites de Júpiter.
- 1614 – Descartes conclui seus estudos no La Flèche e vai estudar Direito em Poitiers.
- 1616 – Descartes conclui seus estudos de Direito; Galileu é processado pela primeira vez; morrem Shakespeare e Cervantes.
- 1618 – Alistamento de Descartes no exército holandês; início da Guerra dos Trinta Anos.
- 1619 – Descartes ingressa no exército da Baviera.
- 1620 – Viagens de Descartes pela Europa, afastando-se da vida militar.
- 1625 – Retorno de Descartes para Paris, onde fica até 1627.
- 1628 – Mudança de Descartes para a Holanda, onde ficará por vinte anos.
- 1629 – W. Harvey divulga suas pesquisas sobre a circulação do sangue.
- 1633 – Galileu é condenado pela Inquisição.
- 1635 – Nasce Francine, filha de Descartes.
- 1636 – Corneille escreve *Le Cid*.
- 1637 – Publicação anônima do *Discurso do método*, de Descartes.
- 1640 – Morte de Francine e de Joachim, pai de Descartes; Portugal livra-se do domínio espanhol.
- 1642 – O Conselho da cidade de Utrecht condena a Filosofia cartesiana; Pascal inventa a máquina de calcular.
- 1643 – Luís XIV assume o trono francês.
- 1644 – Descartes faz uma viagem até a França; Torricelli inventa o barômetro.
- 1648 – Termina a Guerra dos Trinta Anos; Descartes viaja novamente para a França.
- 1649 – Mudança de Descartes para a Suécia.

1650 – Morte de Descartes, em Estocolmo.



Vamos Refletir

1. Imaginemos um “porão pedagógico”. Levando em conta toda sua formação escolar até agora, que elementos você deixaria trancados num baú e quais levaria consigo para o resto da vida?
2. Produza um texto sobre “O que aprendi viajando”. Em seguida – a partir da leitura dos textos produzidos pelos colegas – debater.
3. No texto de Guimarães Rosa (anexo), analise:
 - o costume e a “visão míope” da realidade;
 - a possibilidade de enxergar o mundo de um jeito novo;
 - a importância da relação interpessoal nesse crescimento.
4. Comente os versos:
*Sonho que se sonha só
é um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto
é realidade.*

(Raul Seixas)

5. Analise e debata as músicas *Os argonautas*, *Caçador de mim* e *Você não entende nada* (anexos).

Propostas de Atividades

1. Entreviste algum pensador ou cientista sobre os passos que precisou dar até amadurecer suas convicções.
2. Produza e apresente um texto (sob forma de teatro, jogral etc.) que reúna músicas e poemas relacionados com os temas tratados neste capítulo.

Anexos

1. Campo geral

Guimarães Rosa

De repente lá vinha um homem a cavalo. Eram dois. Um senhor de fora, o claro da roupa. Miguilim saudou, pedindo a bênção. O homem trouxe o cavalo cá bem junto. Ele era de óculos, corado, alto, com um chapéu diferente, mesmo.

– Deus te abençoe, pequenininho. Como é teu nome?

– Miguilim. Eu sou irmão do Dito.

– E seu irmão Dito é o dono daqui?

– Não, meu senhor. O Ditinho está em glória.

O homem esbarrava o avanço do cavalo, que era zelado, manteúdo, formoso como nenhum outro. Redizia:

– Ah, não sabia, não. Deus o tenha em sua guarda . . . Mas, que é que há, Miguilim?

Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, por isso é que o encarava.

– Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo de vista? Vamos até lá. Quem é que está em tua casa?

– É Mãe, e os meninos . . .

Estava Mãe, estava Tio Terez, estavam todos. O senhor alto e claro se apeou. O outro, que vinha com ele, era um camarada. O senhor perguntava à Mãe muitas coisas do Miguilim. Depois perguntava a ele mesmo: – “Miguilim, espia daí: quantos dedos da minha mão você está enxergando? E agora?”

Miguilim espremia os olhos. Drelina e a Chica riam. Tomezinho tinha ido se esconder.

– Este nosso rapazinho tem a vista curta. Espera aí, Miguilim . . .

E o senhor tirava os óculos e punha-os em Miguilim, com todo o jeito.

– Olha, agora!

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo . . . O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto. Mãe esteve assim assustada; mas o senhor dizia que aquilo era do modo mesmo, só que Miguilim também carecia de usar óculos, dali por diante. O senhor bebia café com eles. Era o doutor José Lourenço, do Curvelo. Tudo podia. Coração de Miguilim batia descompassado, ele careceu de ir lá dentro, contar à Rosa, à Maria Pretinha, a Máitina. A Chica veio correndo atrás, mexeu: – “Miguilim, você é piticego . . .” E ele respondeu: – “Donazinha . . .”

Quando voltou, o doutor José Lourenço já tinha ido embora.

– “Você está triste, Miguilim?” – Mãe perguntou.

Miguilim não sabia. Todos eram maiores do que ele, as coisas reviravam sempre dum modo tão diferente, eram grandes demais.

– Pra onde ele foi?

– A foi p’ra a Vereda do Tipã, onde os caçadores estão. Mas amanhã ele volta, de manhã, antes de ir s’embora para a cidade. Disse que, você querendo, Miguilim, ele junto te leva . . . – O doutor era homem muito bom, levava o Miguilim, lá ele comprava uns óculos pequenos, entrava para a escola, depois aprendia ofício. – “Você mesmo quer ir?”

Miguilim não sabia. Fazia peso para não soluçar. Sua alma, até ao fundo, se esfriava. Mas Mãe disse:

– Vai, meu filho. É a luz dos teus olhos, que só Deus teve poder para te dar. Vai. Fim do ano, se a gente puder, faz a viagem também. Um dia todos se encontram . . .

E Mãe foi arrumar a roupinha dele. A Rosa matava galinha, para pôr na capanga, com farofa. Miguilim ia no cavalo Diamante – depois era vendido lá na cidade, o dinheiro ficava para ele. – “Mãe, é o mar? Ou é para a banda do Pau-Roxo, Mãe? É muito longe?” – “Mais longe é, meu filhinho. Mas é do lado do Pau-Roxo não. É o contrário . . .” A Mãe suspirava suave.

– “Mãe, mas por que é, então, para que é, que acontece tudo?!”

– “Miguilim, me abraça, meu filhinho, que eu te tenho tanto amor . . .”

Os cachorros latiam lá fora; de cada um, o latido, a gente podia reconhecer. E o jeito, tão oferecido, tão animado, de que o Papaco-o-Paco dava o pé. Papaco-o-Paco sobrecantava: “*Mestre Domingos, que vem fazer aqui? Vim buscar meia-pataca, p’ra beber meu parati . . .*” Mãe ia lavar o corpo de Miguilim, bem ensaboar e esfregar as orelhas, com bucha. – “Você pode levar também as alpercatinhas do Dito, elas servem para você . . .”

No outro dia os galos já cantavam tão cedinho, os passarinhos que cantavam, os bem-te-vis de lá, os passo-pretos: – “Que

alegre é assim . . . alegre é assim . . . “ Então. Todos estavam em casa. Para um em grandes horas, todos: Mãe, os meninos, Tio Terez, o vaqueiro Saluz, o vaqueiro Jé, o Grivo, a mãe do Grivo, Siarlinda e o Bustiquinho, os enxadeiros, outras pessoas. Miguilim calçou as botinas. Se despediu de todos uma primeira vez, principiando por Mãitina e Maria Pretinha. As vacas, presas no curral. O cavalo Diamante já estava arreado, com os estrivos em curto, o pelego melhor acorreado por cima da sela. Tio Terez deu a Miguilim a cabacinha formosa, entrelaçada com cipós. Todos eram bons para ele, todos do Mutum.

O doutor chegou. – “Miguilim, você está aprontado? Está animoso?” Miguilim abraçava todos, um por um, dizia adeus até aos cachorros, ao Papaco-o-Paco, ao gato Sossõe que lambia as mãozinhas se asseando. Beijou a mão da mãe do Grivo. – “Dá lembrança a seu Aristeu . . . Dá lembrança a seu Deográcias . . . “ Estava abraçado com Mãe. Podiam sair.

Mas, então, de repente, Miguilim parou em frente do doutor. Todo tremia, quase sem coragem de dizer o que tinha vontade. Por fim, disse. Pediu. O doutor entendeu e achou graça. Tirou os óculos, pôs na cara de Miguilim.

E Miguilim olhou para todos, com tanta força. Saiu lá fora. Olhou os matos escuros de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão-bravo e são-caetano; o céu, o curral, o quintal; os olhos redondos e os vidros altos da manhã. Olhou, mais longe, o gado pastando perto do brejo, florido de são-josés, como um algodão. O verde dos buritis, na primeira vereda. O Mutum era bonito! Agora ele sabia. Olhou Mãitina, que gostava de o ver de óculos, batia palmas-de-mão e gritava: - “*Cena, Corinto!* . . . “ Olhou o redondo de pedrinhas, debaixo do jenipapeiro.

Olhava mais era para Mãe. Drelina era bonita, a Chica, Tomezinho. Sorriu para Tio Terez: – “Tio Terez, o senhor parece com Pai . . . “ Todos choravam. O doutor limpou a goela, disse: – “Não sei, quando eu tiro esses óculos, tão fortes, até meus olhos se enchem d’água . . . “ Miguilim entregou a ele os óculos outra vez. Um soluçozinho veio. Dito e a Cuca Pingo-de-ouro. E o Pai. *Sempre alegre, Miguilim . . . Sempre alegre, Miguilim . . .* Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. A Rosa punhalhe doces-de-leite nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-Paco falava, alto, falava.

(*Manuelzão e Miguilim*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.)

2. Os argonautas

Caetano Veloso

o barco	o dia
meu coração	o marco
não agüenta	meu coração
tanta tormenta	o porto
alegria	não
meu coração	navegar é preciso
não contenta	viver não é preciso
o barco	o barco
noite no teu tão bonito	o automóvel brilhante
sorriso solto perdido	o trilho solto, o barulho
horizonte	do meu dente em tua veia
madrugada	o sangue, o charco, barulho lento
o riso	o porto
o arco	o silêncio
da madrugada	navegar é preciso
o porto	viver não é preciso
nada	navegar é preciso
navegar é preciso	viver

viver não é preciso

3. Caçador de mim

Sergio Magrão e Luiz Carlos Sá

Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim.
Preso a canções
Entregue a paixões que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim.

Nada a temer
Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo.
Abrir o peito à força
Numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura.

Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim.

4. Você não entende nada

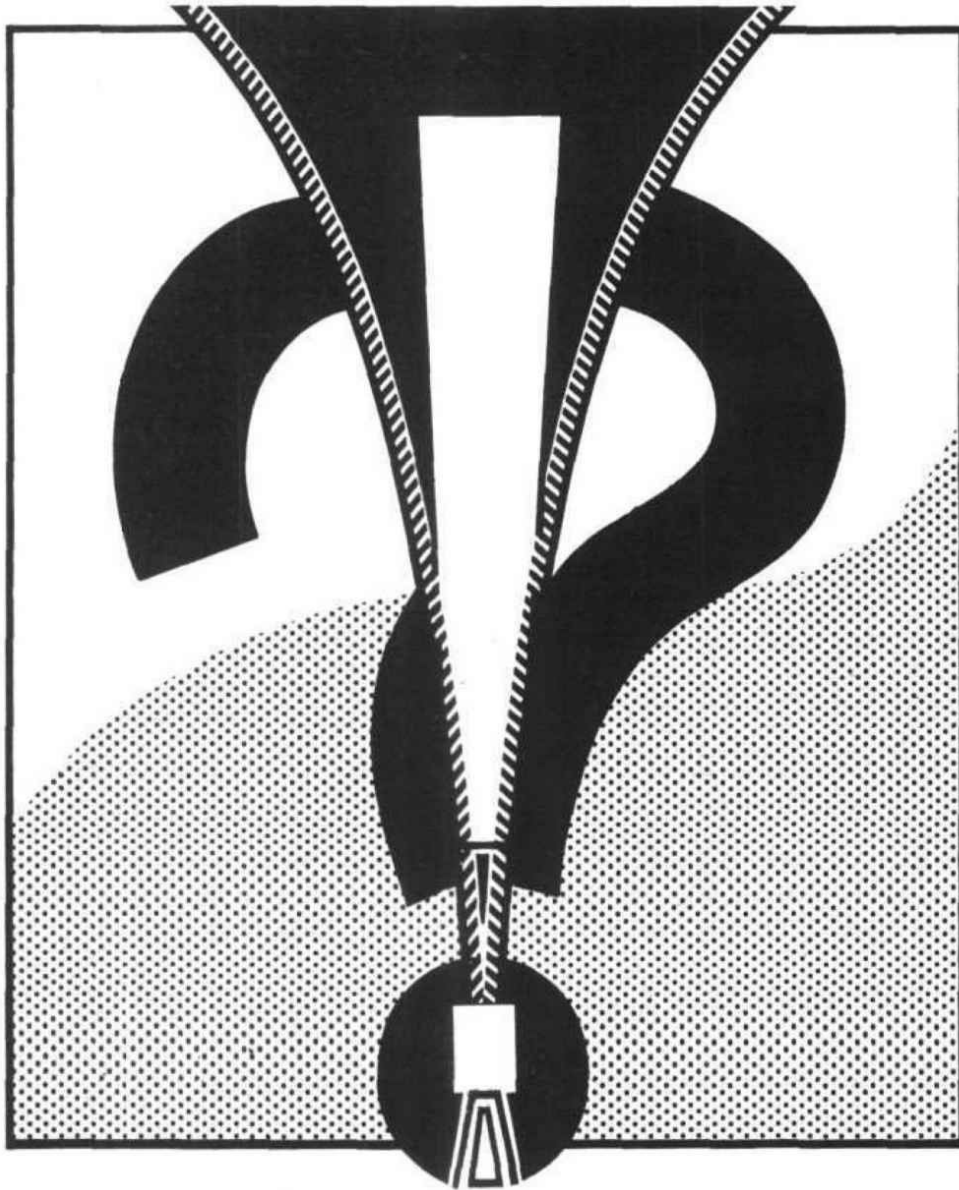
Caetano Veloso

Quando eu chego em casa nada me consola
você está sempre aflita
com lágrimas nos olhos de cortar cebola
você é tão bonita
você traz a coca-cola
eu tomo
você bota a mesa
eu como eu como eu como eu como eu como
você
não tá entendendo quase nada do que eu digo
eu quero é ir-me embora
eu quero dar o fora
e quero que você venha comigo

eu me sento
eu fumo
eu como
eu não agüento
você está tão curtida
eu quero é tocar fogo nesse apartamento
você não acredita
traz meu café com suíta
eu tomo
bota a sobremesa
eu como eu como eu como eu como eu como
você
tem que saber que eu quero é correr mundo
correr perigo
eu quero é ir-me embora
eu quero dar o fora
e quero que você venha comigo.

Capítulo 4

Buscar a certeza . . . na dúvida?



A principal contribuição de Descartes a seu tempo e aos séculos que se seguiram foi tentar fortalecer a Razão como uma ferramenta confiável para o ser humano poder interferir sobre a realidade. Na Revolução Científica que tomou conta do século XVII, os cientistas corriam por novos caminhos, que eles mesmos iam abrindo, para atingir o conhecimento. Descartes participou dessa procura.

Foi exatamente no terreno movediço da dúvida que Descartes começou a procurar suas certezas. À primeira vista, é uma atitude contraditória, mas o fato é que a dúvida foi seu primeiro passo para conquistar a solidez do conhecimento.

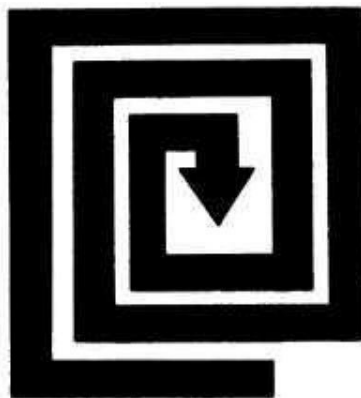
Só que não se tratava de qualquer tipo de dúvida, e não deve ser confundida com indecisão, incompetência, ignorância. A dúvida cartesiana pretendia voltar-se sobre tudo o que se supunha verdadeiro para, finalmente, construir-se uma certeza de que não se pudesse mais duvidar.

No primeiro momento, Descartes agiu como um demolidor. Ele considerava fundamental reduzir a pó todas as convicções e certezas anteriores. Assim, ele se propôs a duvidar de todas as coisas, não aceitando opiniões de outras pessoas, por mais autoridade que elas tivessem, rejeitando o conhecimento mais tradicional, desconfiando das aparências.

Quando, depois de remover todo o entulho, ele finalmente encontrasse a rocha sólida de um conhecimento inteiramente limpo de toda a possibilidade de duvidar, aí sim, construiria sobre essa base o que chamou de “edifício da ciência e da sabedoria”.

Apesar do seu entusiasmo em duvidar, nosso filósofo não se comprazia nessa tarefa. Ele não professava a dúvida pela dúvida! Como um cirurgião meticuloso, Descartes manjava sua dúvida deliberada, metódica, como um bisturi afiado. Corajosamente, ele abandonou as seguranças e partiu para a aventura filosófica. Aliás, essa atitude crítica sempre marcou os verdadeiros filósofos.

Descartes manejou sua dúvida em duas direções: para dentro e para fora dele mesmo, para, enfim, chegar à mesma conclusão.



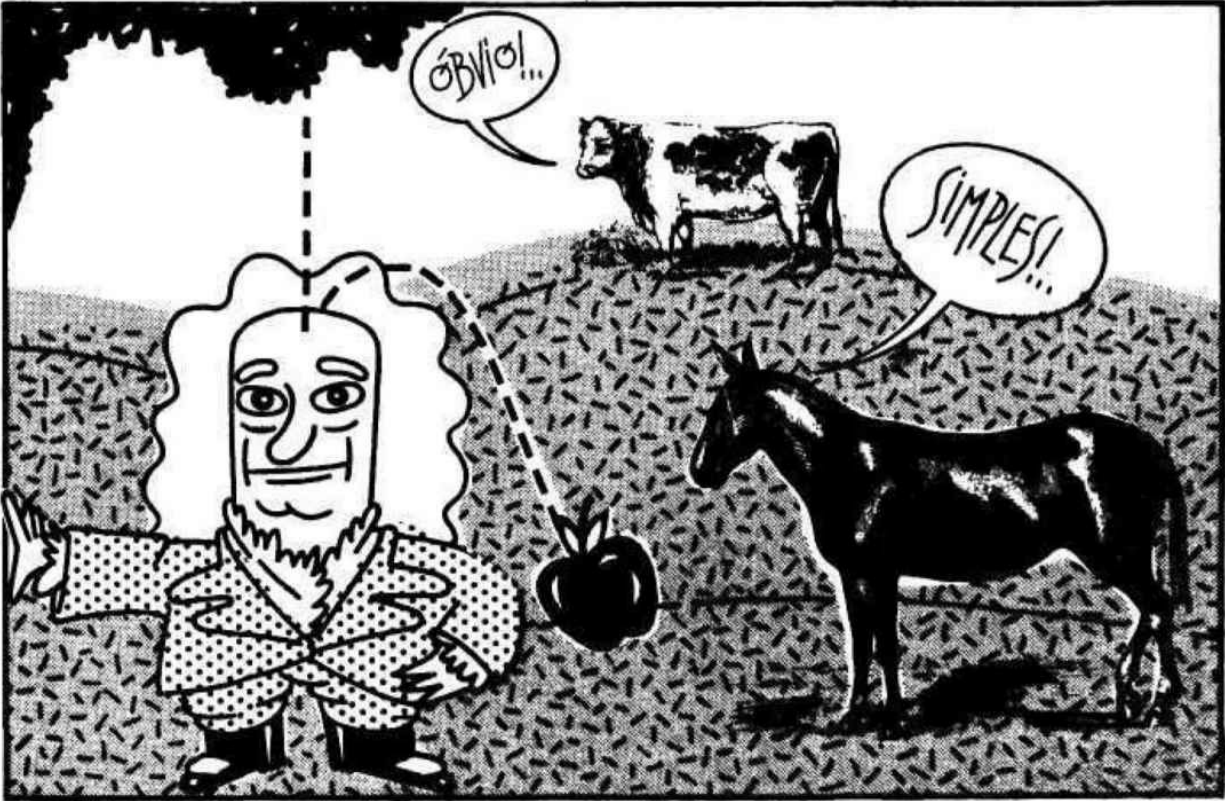
Simples demais?

(Primeira direção: para dentro)

Decidi fazer de conta que todas as coisas armazenadas no meu espírito até aquele momento eram tão ilusórias como meus sonhos. Mas logo percebi: no mesmo instante em que pensava sobre a falsidade do meu conhecimento, era necessário que pelo menos eu, que pensava, fosse alguma coisa. Esta verdade – eu penso, logo existo – era tão firme e certa que as mais extravagantes suposições dos cétricos não a abalariam. Julguei que podia aceitá-la sem receio, como o princípio fundamental da filosofia que procurava.

(Discurso do método, IV)

Ponha-se no lugar de Descartes. Pare um pouco e diga para si mesmo: “Eu estou pensando . . . Portanto eu existo!”. Essa idéia não parece simples demais? Simples ela é. E nisso está a vantagem. Quer ver coisa mais simples do que os objetos caírem? Pois esse fenômeno não aconteceu sempre, desde que o mundo é mundo? E não continuará acontecendo enquanto nosso velho planeta estiver inteiro? Pois entre a maçã madura e o chão existe muito mais ciência do que o ser humano supôs, durante muitos milhares de anos. Foi preciso que Newton, ao observar a queda da fruta, tivesse a idéia inicial daquilo que mais tarde enunciou como a Lei da Gravidade. Nosso universo e nossa vivência social estão repletos de coisas simples, óbvias . . . Mas elas fornecem substância para conclusões imensas, riquíssimas. É só saber ver: para isso existe a ciência.



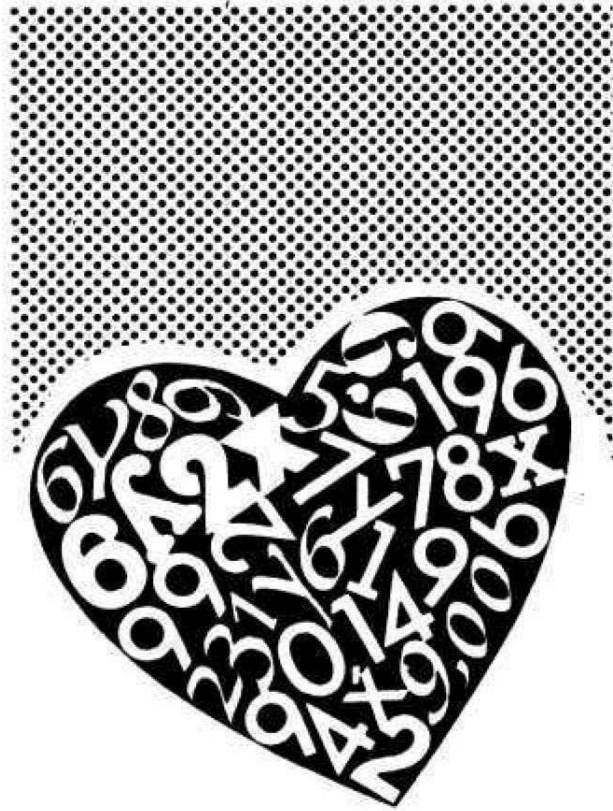
“Penso, logo existo” parece uma conclusão óbvia. Afinal, Descartes não poderia mesmo duvidar do fato de que pensava, porque se o fizesse estaria duvidando da própria existência. Também não poderia ter dúvidas de que existia: claro, para ter condições de duvidar, primeiro é preciso já estar existindo!

Então, a dúvida era a primeira certeza com que Descartes poderia contar. Mas era uma *certeza* “de passagem”, secundária. Sua importância é que ela permitiria chegar a uma certeza mais sólida, indubitável: o pensamento (algo assim como “Duvido, logo penso”).

Aqui o enunciado cartesiano perde sua aparente simplicidade e ganha marcas de novidade: é o pensamento que expressa a existência humana. A Razão – essa faculdade aparentemente tão fluida – é que é nossa característica fundamental!

De que forma, partindo dessa simples “novidade”, Descartes manifestou a sua paixão pela Razão?

Matemática, mon amour!



A paixão e o encanto que Descartes tinha em sua busca da certeza através da Razão nasceram do contato com a Matemática. A exatidão da Matemática, sua lógica interna, a beleza dos cálculos, a certeza dos resultados, tudo isso impressionou o filósofo. Em qualquer lugar do mundo, em qualquer época, qualquer pessoa que seguir o mesmo raciocínio para resolver determinado problema matemático chegará à mesma conclusão.

Para nosso filósofo, a Matemática era a única forma de conhecimento que apresentava uma validade universal, isto é, funcionava em qualquer tempo e lugar. Assim, ele considerou a Matemática como modelo para sua reflexão filosófica, para que ela pudesse chegar ao mesmo grau de certeza. Por isso Descartes pretendeu elaborar uma Matemática universal, que serviria para todos os assuntos.

Só que não era uma tarefa fácil transportar o rigor e a universalidade do raciocínio matemático para a filosofia e para outras áreas do conhecimento humano. Afinal, a Matemática trabalha com idéias, com abstrações, que não têm existência concreta na realidade imediata. Por exemplo, ninguém jamais viu o número 1 andando na rua, o sinal de $+$ ou de $=$ namorando, ou um % dirigindo um carro. A Matemática é exata justamente porque trabalha com ferramentas produzidas pelo próprio pensamento humano que as “peneirou” (abstraiu) na realidade.

Aí estava o segredo! Para Descartes, a Matemática poderia ser adotada como base para um conhecimento exato e universal, exatamente porque trabalha com um mundo elaborado pela própria Razão. Conclusão: a Matemática era a prova de que a Razão percebe a verdade e é capaz de “fabricar” instrumentos e idéias verdadeiras, inclusive em outros campos do conhecimento.



Os quatro passos

Com base na Matemática, Descartes propôs um caminho em quatro passos para bem usar a Razão. A primeira etapa é um **critério para a verdade**; as demais são a garantia da certeza. Vamos a elas:

1. Nunca aceitar como **verdadeiro** aquilo que não estiver **claro e evidente** para mim.
2. Tudo o que tiver de ser estudado e pensado deve ser dividido em tantas partes quantas forem necessárias. Assim, as soluções começam por suas etapas mais simples. A isso se chama **análise**.
3. Colocar os pensamentos em uma ordem que parte do mais simples ao mais complexo, de modo que uns possam ser concluídos a partir dos outros. Isto é uma **dedução**.
4. Repassar tudo o que foi estudado de maneira a ter certeza de que nada foi esquecido ou omitido. Essa etapa chama-se **revisão**.

Esses princípios de “bem pensar” podem ajudar você a encaminhar problemas que, à primeira vista, parecem muito complexos ou são tarefas grandes demais. Quer ver?

- Se você tem de deslocar um volume de duas toneladas, avalie que instrumentos tem para fazê-lo e determine exatamente o que deve ser levado (*etapa 1*). Se dispuser só da força física, aplique a *etapa 2*, dividindo a carga em cem pacotes de vinte quilos, por exemplo. Na hora de empilhar, faça uma disposição equilibrada entre a largura e a altura, de modo a não esmagar os pacotes de baixo (*etapa 3*). Depois do transporte, repasse todo o processo, verificando que conclusões tirar para fazer melhor da próxima vez (*etapa 4*).

- Você está interessado(a) “naquela pessoa especial”? Descartes talvez possa ajudá-lo(a) . . . Primeiro, quanto possível, é preciso “ter convicção” dos próprios sentimentos (*etapa 1*). Em seguida, usar a “tática da aproximação”, isto é, não ir logo pegando na mão, abrindo a geladeira na primeira visita, ou até . . . mais. Nessa segunda etapa, envie sinais simples, mas que não deixem dúvidas. A partir desses sinais evidentes, progrida em direção a um relacionamento mais amadurecido (*etapa 3*). Deu errado? Deu certo? O mérito é todo seu, não de Descartes. Qualquer que tenha sido o resultado, faça uma revisão (*etapa 4*) para aprender a “alquimia do amor” e continuar aplicando-a pela vida, para ser feliz por muitos e muitos anos.

- Quer passar no vestibular, ou dar-se bem em qualquer prova? Descartes também ajuda. Leia todas as questões e separe as que, para você, são mais claras e de resposta mais evidente.

Responda primeiro só aquelas de que você tem certeza; não importa a ordem em que estão apresentadas. Ataque em seguida as que você considera mais difíceis. Depois de tudo respondido, releia as respostas para, como diz o filósofo, “ter certeza de que nada foi esquecido ou omitido”. Boa sorte!

Essas etapas podem ser enriquecidas aos poucos, para você criar um “método pessoal de solução de problemas”. O debate com seus colegas a respeito de outras situações que vocês levantarem certamente tornará as idéias mais “claras e distintas”.

Desde já é fundamental saber que as soluções começam quando você delimita com nitidez qual é, exatamente, o problema que está enfrentando.

Sabendo usar, não vai faltar!

Descartes estava convencido de que *o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente aquilo que se chama bom senso ou Razão, é naturalmente igual em todos os homens.*

“Naturalmente igual” significa para o filósofo que todos os homens nascem com idêntica capacidade intelectual. Estamos, portanto, aptos a atingir a verdade. Mas para isso é preciso usar o bom senso e a Razão.

Então, como é que se explica o fato de que, tendo uma Razão igual, nós tiramos conclusões tão diferentes sobre o mundo e a vida? “Cada cabeça, uma sentença”, diz o povo. Os chineses, com sua chinesa sabedoria, dizem que *em qualquer discussão há sempre três conclusões: a minha, a sua . . . e a verdadeira!*

Segundo Descartes, essa diferença de opiniões existe porque as pessoas usam métodos diferentes de raciocínio. O uso de diversos métodos (palavra grega que significa “caminho”) resulta necessariamente em conclusões diferentes. A capacidade racional é igual, mas o jeito de usá-la não é!

O que o filósofo queria era indicar um caminho que servisse para todos nós, evitando o erro e levando-nos a verdades e certezas válidas para todos. Para ele, um método assim deveria ser composto de:

. . . regras certas e fáceis. Através da obediência exata a elas se terá certeza de que nunca se confundiu um erro com uma verdade. Sem gastar inutilmente com o erro as forças do espírito, mas desenvolvendo o próprio saber num progresso contínuo, se conseguirá chegar ao conhecimento de tudo o que se for capaz.

(Regras para direção do espírito, 4)

Descartes propôs um método para usar toda a nossa capacidade intelectual, evitando os desvios e aumentando cada vez mais nosso conhecimento verdadeiro sobre nós e sobre a realidade que nos envolve.

O fio da meada

A elaboração desse tal método de “regras certas e fáceis” exigia que se partisse de algo que todas as pessoas possuísem naturalmente. Para nosso filósofo, temos duas capacidades intelectuais inatas: a intuição e a dedução.



A intuição é a capacidade de compreender uma verdade “de estalo”, sem precisar ficar raciocinando. É aquilo que chamamos hoje de “sacada”, “tchans”. Por exemplo, é evidente que “o todo é maior que a parte”; “para morrer basta estar vivo”; “todo efeito tem uma causa”.

A dedução é a capacidade de tirar conclusões a partir de verdades já conhecidas e corretas. Estas seriam o ponto de partida para se concluírem outras verdades. Por exemplo, a partir da frase “para morrer basta estar vivo”, não se pode nunca dizer em seguida “se eu morrer”, mas sim “quando eu morrer”.

Se já nascemos com a capacidade de intuir e deduzir, por que então inventar um método? Não bastaria *usar* essas capacidades inatas, simplesmente? Descartes afirmava que o método permite que a Razão seja usada corretamente. O importante é *usar bem!*

E como começa esse método?

Primeiro, temos de partir das certezas mais simples; estas são as mais evidentes (que têm mais força) e mais claras. A força do caminho mental proposto por Descartes está justamente no seu ponto de partida: as certezas mais simples (evidentes e claras), sobre as quais se constrói o restante dos conhecimentos. Essa construção seria feita passo a passo, metodicamente.

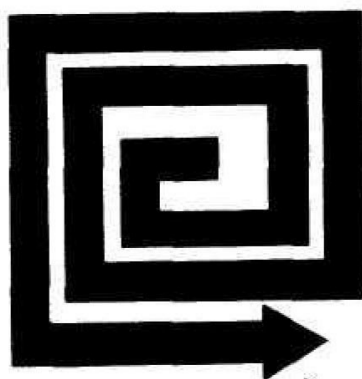
Seria fundamental “passar na peneira” todo o conhecimento adquirido até então. Enquanto

não se encontrasse uma verdade *simples* e também *evidente* (isto é, sem a menor sombra de dúvida) ficaria sob suspeita tudo o que se sabia antes.

Como fase inicial do método, a dúvida não pode ser aplicada de qualquer jeito, atabalhoadamente. A dúvida tem de ser aplicada de maneira organizada, consciente, intencional, provocada. É o que Descartes chamou de *dúvida metódica*.

E mais. O método de duvidar organizadamente não permite que peguemos, uma a uma, todas as idéias que existem no mundo, consideradas verdadeiras: isso seria um trabalho interminável! O correio seria começar pela base, pelo fundamento do conhecimento: a **maneira** pela qual se conhece.

Agora vamos seguir a segunda direção que Descartes tomou para – através da análise do nosso conhecimento acerca da realidade exterior – atingir a mesma base da certeza.



E se todo mundo se engana?

(Segunda direção: para fora)

Descartes ensina que tudo o que a gente aprende chega até nós ou por intermédio dos **sentidos do corpo** ou através do **raciocínio**. Muitas realidades podem ser apreendidas apenas pelos sentidos – o gosto da laranja não pode ser explicado, só experimentado – ou então só pelo raciocínio – não dá para cheirar a idéia de infinito.

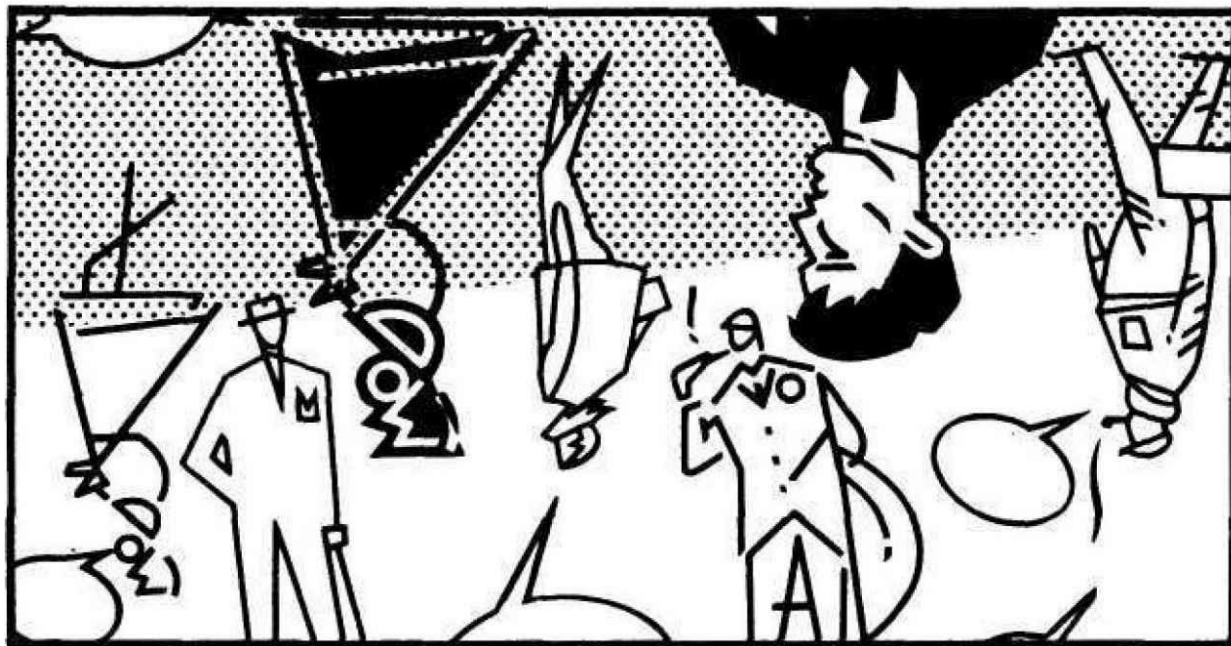
Os sentidos e o raciocínio são as **antenas** que captam o mundo e organizam as idéias que temos da realidade. Mas (sempre a dúvida!) será que essas antenas são confiáveis? Será que elas nos enganam e produzem idéias falsas?

Na vida você certamente experimentou que os sentidos e o raciocínio enganaram a você e também a outras pessoas! Veja só:

- Lembre da sensação que temos quando estamos dentro de um ônibus estacionado em alguma lanchonete de estrada. De repente, o ônibus ao lado começa a sair de ré. Levamos o maior susto, pensando que é o “nosso ônibus” que está indo para a frente! Quantas outras ilusões de ótica nós não temos, para em seguida entender que aconteceu de outra forma!
- Que dizer da desagradável surpresa que temos quando estamos quase pegando no sono e, de repente, pensamos que estamos caindo? E aquela folha de árvore sendo arrastada pelo vento, que dá a impressão de algum “visitante noturno”?

- E aquela piada do espertalhão que entra num bar, encosta no balcão e pede uma laranja. Quando vai receber o suco, o rapaz diz: “Olha, acho que não vou querer a laranja. Troque por uma cerveja bem geladinha”. Feita a troca, o rapaz toma a cerveja, enxuga os lábios e vai saindo calmamente. Ele já está na calçada quando o dono do bar grita: “Ei, você não vai pagar a cerveja?” O rapaz volta-se e diz: “Ué, eu troquei pela laranja!” Espantado, o dono retruca: “Pois pague a laranja!” O rapaz: “Ora, eu não a bebi . . . “ E vai embora.
(Como se vê, o raciocínio também nos engana.)
- Às vezes dizemos coisas óbvias como se fossem a maior novidade, e quem ouve nem percebe. É o caso das pessoas que se consideram azaradas porque, sempre que perdem alguma coisa, só a encontram no último local em que procuraram, depois de perder muito tempo. Ora, essa idéia é evidente: os objetos perdidos são sempre encontrados no último local onde procuramos . . . Depois que acha, ninguém é louco de continuar procurando!
(Esta é mais uma armadilha do raciocínio.)

Esses exemplos do nosso cotidiano mostram que os sentidos e o raciocínio às vezes nos enganam. “O que nos garante, diria Descartes, que eles não nos enganem *sempre!*” Pior ainda: os professores, filósofos, religiosos, autoridades também podem ter sido enganados pelos sentidos e pelo raciocínio.



Suponhamos que haja mesmo um engano universal. Alguém deve ser o responsável por isso!

O ser humano não pode ser responsabilizado, porque ele não fez a si mesmo: ele é, raciocinava Descartes, uma criatura de Deus. Neste caso, a causa dos nossos enganos só pode ser Deus. Mas será possível que ele nos faça acreditar numa realidade falsa?

É impossível, afirmava nosso filósofo, que um Ser bom e perfeito faça essa safadeza conosco. Seria absurdo pensar que nosso Criador tivesse algum motivo para nos precipitar no

engano.

Continuemos supondo que está todo mundo enganado. Se nós não somos os responsáveis, e Deus também não o é, quem sabe algum *gênio maligno*? Esse gênio seria um espírito muito mais poderoso do que nós e se divertiria em fazer-nos pensar que estamos certos quando, de fato, estamos errados! Parece uma hipótese maluca. Mas por que não? Quem pode provar que tal espírito não existe?

Há uma única maneira de nos livrarmos desse cipocal de enganos: é duvidar, sempre, até encontrar uma verdade tão evidente que nenhuma força, dentro ou fora da gente, a consiga abalar.

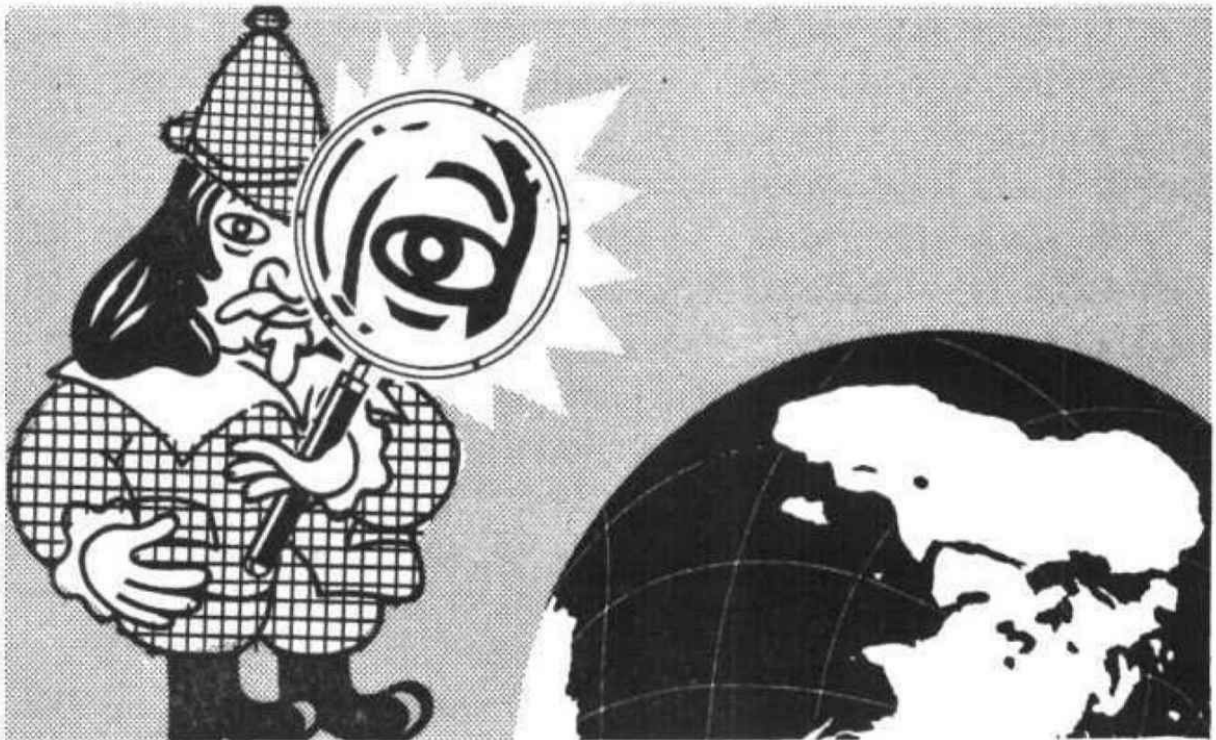
Aí, eu vou duvidando, duvidando . . . até que, de repente, vem a intuição à minha mente: “Eu duvido! Disso eu tenho certeza!” Logo em seguida, vem outra intuição: “Se duvido, então, eu penso, porque ninguém duvida se não estiver pensando”. Finalmente, fecha-se o círculo, com uma terceira conclusão: “Eu penso porque existo. O que me dá certeza de que existo é o fato de que estou pensando”.

Essas três certezas encadeadas não significam que os “assuntos” que penso (o conteúdo de meu pensamento) estão sempre certos. Sei que também não posso afirmar nada sobre meu corpo – nem sei se esse meu corpo é uma ilusão . . . – ou se você existe. Mas uma coisa é certíssima: eu sou uma “coisa pensante!” A esse respeito nada, ou ninguém, me engana.

Nesse momento, acaba a dúvida e o universo se reconstrói em base sólida.

Detetive do mundo

Vamos imaginar agora que Descartes é um detetive, daqueles de antigamente. A lupa (lente de aumento) é a dedução. A missão de Descartes é provar que a Razão é confiável. Aqui ele a relaciona com Deus e com a liberdade humana.



Vamos acompanhar Descartes, seguindo suas pistas:

Primeira dedução: eu penso e, por isso, existo. Mas sei que não sou a causa de minha capacidade de pensar, nem de minha existência. Eu não sou criador de mim mesmo. Então, fui criado.

Segunda dedução: como não sou causa de mim mesmo, deve existir necessariamente um ser todo-poderoso e perfeito, Deus, que me criou e a tudo o mais que existe.

Terceira dedução: Deus é a garantia do meu pensamento e da minha existência. Deus é perfeito e infinitamente bom (criou-me por bondade, já que se basta a si mesmo e não precisaria de ninguém). A criação é, portanto, fruto da livre vontade de Deus, que é sempre boa.

Quarta dedução: sendo perfeito, Deus não pode errar. Sendo bom, não deseja provocar os erros em mim. Então o erro só pode ser produzido por mim mesmo, quando não uso corretamente a Razão com a qual Deus me dotou. Se Deus não pode enganar-me, sou eu mesmo que me engano!

Quinta dedução: eu mesmo me engano porque sou livre. Deus criou o ser humano como o único ser racional e livre, ao contrário dos outros animais, que agem movidos por instintos e não têm liberdade.

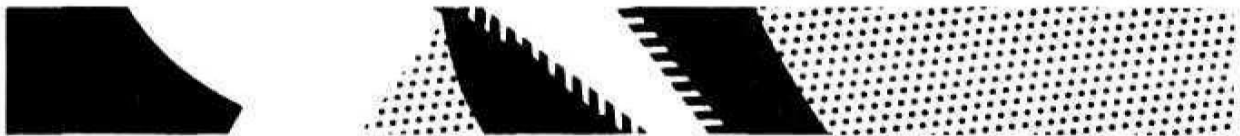
Sexta dedução: eu posso me enganar porque sou livre! Da mesma forma, também tenho liberdade para não me enganar basta usar adequadamente a Razão que Deus me deu.

Então, que consequência tirar da tarefa de Descartes? Ele procurou mostrar a força da Razão, para que ela fosse considerada um instrumento poderoso para se enfrentar cada vez melhor o mundo, a vida e a sociedade.

Como muitos pensadores de seu tempo, nosso filósofo enxergou na própria humanidade o caminho para a felicidade, sem que precisasse aguardar a intervenção de forças externas à natureza humana.

Tratava-se de uma nova fé? Sem dúvida. Mas fé estimulada por uma paixão profunda pelo ser humano. É como se dissesse: SOMOS CAPAZES! Capazes de entender a época e a realidade em que vivemos, de transformá-la, de melhorá-la. Somos dotados de uma força até então atribuída exclusivamente a Deus: a força da criação!

Qual foi, então, a paixão de Descartes? Foi o prazer, o entusiasmo de saber-se e sentir-se humano, dentro de um universo que pareceria incompreensível, mas que, *com o uso correto da Razão*, pode ser tomado nas mãos do ser humano, para que o decifre e humanize.



Vamos Refletir

1. A Razão pode tudo? Quais são seus limites e suas possibilidades?
2. Escreva um texto sobre quais são as suas:
 - dúvidas;
 - certezas;
 - intuições.Em seguida, apresente e debata com a classe.
3. Relacione o texto de Fernando Pessoa (anexo) com o itinerário intelectual e vital de Descartes.
4. Após a leitura do texto anexo de Darcy Ribeiro, aponte as falsas obviedades que cercam nosso cotidiano.

5. Relacione a problemática deste capítulo com as letras das músicas *Daquilo que eu sei* e *Bom conselho* (anexas).

Propostas de Atividades

1. (Interdisciplinar) Com o professor de Educação Artística levante indicações sobre a capacidade da arte de mostrar uma “outra realidade”, sobre o papel da arte como provocação.
2. Aplique o caminho de quatro etapas (tiradas da Matemática por Descartes) em situações concretas, à sua escolha. Veja o que dá certo, o que não dá certo e por quê.

Anexos

1. Deste modo ou daquele modo

Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)

(. . .)

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.
E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem,
Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.
E assim escrevo, ora bem, ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer, ora errando,
Caindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.

Ainda assim, sou alguém.
Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio.

(Obras completas, Rio de Janeiro, Aguilar, 1969.)

2. Daquilo que eu sei

Ivan Lins/Vítor Martins

Daquilo que eu sei
Nem tudo me deu clareza
Nem tudo foi permitido
Nem tudo foi concebido
Daquilo que eu sei
Nem tudo foi proibido
Nem tudo me foi possível
Nem tudo me deu certeza

Não fechei os olhos
Não tapei os ouvidos
Cheirei, toquei, provei
Ah! Eu usei todos os sentidos
Só não lavei as mãos
E é por isso que eu me sinto
Cada vez mais limpo . . .
Cada vez mais limpo . . .
Cada vez mais limpo . . .

3. Sobre o óbvio

Darcy Ribeiro

Nosso tema é o **óbvio**. Acho mesmo que os cientistas trabalham é com o óbvio. O negócio deles – nosso negócio – é lidar com o óbvio. Aparentemente, Deus é muito treteiro, faz as coisas de forma tão recôndita e disfarçada que se precisa desta categoria de gente – os cientistas – para ir tirando os véus, desvendando, a fim de revelar a obviedade do óbvio.

É óbvio, por exemplo, que todo santo dia o sol nasce, se levanta, dá sua volta pelo céu, e se põe. Sabemos hoje muito bem que isto não é verdade. Mas foi preciso muita astúcia e gana para mostrar que a aurora e o crepúsculo são tretas de Deus. Não é assim? Gerações de sábios passaram por sacrifícios, recordados por todos, porque disseram que Deus estava nos enganando com aquele espetáculo diário. (. . .)

Outra obviedade, tão óbvia quanto esta ou mais óbvia ainda, é que os pobres vivem dos ricos. Está na cara! Sem os ricos o que é que seria dos pobres? Quem é que poderia fazer uma caridade? Me dá um empreguinho aí! Seria impossível arranjar qualquer ajuda. Me dá um dinheirinho aí! Sem rico o mundo estaria incompleto, os pobres estariam perdidos. Mas vieram uns barbados dizendo que não, e atrapalharam tudo. Tiraram aquela obviedade e puseram outra oposta no lugar. Aliás, uma obviedade subversiva.

Uma terceira obviedade que vocês conhecem bem, por ser patente, é que os negros são inferiores aos brancos. Basta olhar! Eles fazem um esforço danado para ganhar a vida, mas não ascendem como a gente. Sua situação é de uma inferioridade social e cultural tão visível, tão evidente, que é óbvia. Pois não é assim, dizem os cientistas. Não é assim, não. É diferente! Os negros foram inferiorizados. Foram e continuam sendo postos nessa posição de inferioridade por tais e quais razões históricas. Razões que nada têm a ver com suas capacidades e aptidões inatas mas, sim, tendo que ver com certos interesses muito concretos.

A quarta obviedade, mais difícil de admitir –, e eu falei das anteriores para vocês se acostumarem com a idéia –, a quarta obviedade é a obviedade doída de que nós, brasileiros, somos um povo de segunda classe, um povo inferior, chinfrim, vagabundo. Mas tá na cara! Basta olhar! Somos 100 anos mais velhos que os estadunidenses, e estamos com meio século de atraso com relação a eles. A verdade, todos sabemos, é que a colonização da América do Norte começou 100 anos depois da nossa, mas eles hoje estão muito adiante. Nós, atrás, trotando na história, trotando na vida. Um negócio horrível, não é? Durante anos, essa obviedade que foi e continua sendo óbvia para muita gente nos amargurou. Mas não conseguíamos fugir dela, ainda não.

A própria ciência, por longo tempo, parecia existir somente para sustentar essa obviedade. A Antropologia, minha ciência, por exemplo, por demasiado tempo não foi mais do que uma doutrina racista, sobre a superioridade do homem branco, europeu e cristão, a destinação civilizatória que pesava sobre seus ombros como um encargo histórico e sagrado. Nem foi menos do que um continuado esforço de erudição para comprovar e demonstrar que a mistura racial, a mestiçagem, conduzia a um produto híbrido inferior, produzindo uma espécie de gente-mula, atrasada e incapaz de promover o progresso. (. . .)

O mais grave, porém, é que além de ser um povo mestiço – e, portanto, inferior e inapto para o progresso – nós somos também um povo tropical. E tropical não dá! Civilização nos trópicos, não dá! Tropical, é demais. Mas isto não é tudo. Além de mestiços e tropicais, outra razão de nossa inferioridade evidente – demonstrada pelo desempenho histórico medíocre dos brasileiros –, além dessas razões, havia a de sermos católicos, de um catolicismo barroco, não é? Um negócio atrasado, extravagante, de rezar em latim e confessar em português.

Pois além disso tudo a nos puxar para trás, havia outras forças, ainda piores, entre elas, a nossa ancestralidade portuguesa. Estão vendo que falta de sorte? Em lugar de avós ingleses, holandeses, gente boa, logo portugueses . . . Lusitanos! Está na cara que este país não podia ir para frente, que este povo não prestava mesmo, que esta nação estava mesmo condenada: mestiços, tropicais, católicos e lusitanos é dose para elefante.

Bom, estas são as obviedades com que convivemos alegre ou sofredamente por muito tempo. Nos últimos anos, porém, descobrimos meio assombrados – descoberta que só se generalizou aí pelos anos 50, mais ou menos –, descobrimos realmente ou começamos a atuar como quem sabe, afinal, que aquela óbvia inferioridade racial inata, climático-telúrica, asnal-lusitana e católico-barroca do brasileiro era como a treta diária do sol que todo dia faz de conta que nasce e se põe. Háviamos descoberto, com mais susto do que alegria, que à luz das novas ciências nenhuma daquelas teses se mantinha de pé. Desde então, tornando-se impossível, a partir delas, explicar confortavelmente todo o nosso atraso, atribuindo-o ao povo, saímos em busca de outros fatores ou culpas que fossem as causas do nosso fraco desempenho neste mundo.

Nesta indagação – vejam como é ruim questionar! – acabamos por dar uma virada prodigiosa na roleta da ciência. Ela veio revelar que aquela obviedade de sermos um povo de segunda classe não podia mesmo se manter, porque escondia uma outra obviedade mais óbvia ainda. Esta nova verdade nos assustou muito, levamos tempo para engolir a novidade. Sobre tudo nós, universitários, sobretudo nós, inteligentes. Sobre tudo nós, bonitos. Falo da descoberta de que a causa real do atraso brasileiro, os culpados de nosso subdesenvolvimento somos nós mesmos, ou melhor, a melhor parte de nós mesmos: nossa classe dominante e seus comparsas. Descobrimos também, com susto, à luz dessa nova obviedade, que realmente não há país construído mais racionalmente por uma classe dominante do que o nosso. Nem há sociedade que corresponda tão precisamente aos interesses de sua classe dominante como o Brasil.

Assim é que, desde então, lamentavelmente, já não há como negar dois fatos que ficaram ululantemente óbvios. Primeiro, que não é nas qualidades ou defeitos do povo que está a razão do nosso atraso, mas nas características de nossas classes dominantes, no seu setor dirigente e, inclusive, no seu segmento intelectual. Segundo, que nossa velha classe tem sido altamente capaz na formulação e na execução do projeto de sociedade que melhor corresponde a seus interesses. Só que este projeto para ser implantado e mantido precisa de um povo faminto, xucro e feio.

Nunca se viu, em outra parte, ricos tão capacitados para gerar e desfrutar riquezas, e para subjugar o povo faminto no

trabalho, como os nossos senhores empresários, doutores e comandantes. Quase sempre cordiais uns para com os outros, sempre duros e implacáveis para com subalternos, e insaciáveis na apropriação dos frutos do trabalho alheio. Eles tramam e retramam, há séculos, a malha estreita dentro da qual cresce, deformado, o povo brasileiro. Deformado e constringido e atrasado. (. . .)

A primeira evidência a ressaltar é que nossa classe dominante conseguiu estruturar o Brasil como uma sociedade de economia extraordinariamente próspera. Por muito tempo se pensou que éramos e somos um país pobre, no passado e agora. Pois não é verdade. Esta é uma falsa obviedade. Éramos e somos riquíssimos! A renda *per capita* dos escravos de Pernambuco, da Bahia e de Minas Gerais – eles duravam em média uns cinco anos no trabalho –era, então, a mais alta do mundo. Nenhum trabalhador, naqueles séculos, na Europa ou na Ásia, rendia em libras – que eram os dólares da época – como um escravo trabalhando num engenho no Recife; ou lavrando ouro em Minas Gerais; ou, depois, um escravo, ou mesmo um imigrante italiano, trabalhando num cafezal em São Paulo. Aqueles empreendimentos foram um sucesso formidável. Geraram além de um PIB prodigioso, uma renda *per capita* admirável. Então, como agora, para uso e gozo de nossa sábia classe dominante.

A verdade verdadeira é que, aqui no Brasil, se inventou um modelo de economia altamente próspera, mas de prosperidade pura. Quer dizer, livre de quaisquer comprometimentos sentimentais. A verdade, repito, é que nós, brasileiros, inventamos e fundamos um sistema social perfeito para os que estão do lado de cima da vida. (. . .)

A outra façanha da velha classe foi sua extraordinária capacidade de enfrentar e vencer todas as revoluções sociais que se desencadearam no país. Essa eficiência repressiva lhes permitia esmagar todos os que reclamavam o alargamento das bases da sociedade, para que mais gente participasse do produto do trabalho e, assim, reafirmar e consolidar sua hegemonia. Posteriormente, coroaram tal feito com outro ainda maior, que foi o de escrever a história dessas lutas sociais como se elas fossem motins.

Recentemente descobrimos, outra vez assustados – desta vez, graças às perquirições de José Honório –, que o Brasil não é tão cordial como quereria o nosso querido Sergio. Durante o período das revoltas sociais anteriores e seguintes à Independência, morreram no Brasil mais de cinqüenta mil pessoas, inclusive uns sete padres enforcados. O certo é que nossos cinqüenta mil mortos são muito mais mortos do que todos que morreram nas lutas de independência da América Espanhola, tidas como das mais cruentas da história. Os nossos, porém, foram surrupiados da história oficial das lutas sociais por serem vítimas de meros motins, revoltas e levantes e, como tal, não merecem entrar na crônica historiográfica séria da sabedoria classista. (. . .)

A eficácia total, entretanto, eficácia diante da qual devemos nos declinar – aquela que é realmente o grande feito que nós, brasileiros, podemos ostentar diante do mundo como único – é a façanha educacional da nossa classe dominante. Esta é realmente extraordinária! E por isto é que eu não concordo com aqueles que, olhando a educação de outra perspectiva, falam de fracasso brasileiro no esforço por universalizar o ensino. Eu acho que não houve fracasso algum nesta matéria, mesmo porque o principal requisito de sobrevivência e de hegemonia da classe dominante que temos era precisamente manter o povo xucro. Um povo xucro, neste mundo que generaliza tonta e alegremente a educação, é, sem dúvida, fenomenal. Mantido ignorante, ele não estará capacitado a eleger seus dirigentes com riscos inadmissíveis de populismo demagógico. Perpetua-se, em conseqüência, a sábia tutela que a elite educada, ilustrada, elegante, bonita, exerce paternalmente sobre as massas ignaras. Tutela cada vez mais necessária porque, com o progresso das comunicações, aumentam dia a dia os riscos de nosso povo se ver atraído ao engodo comunista ou fascista, ou trabalhista, ou sindical, ou outro. Assim se vê o equívoco em que recai quem trata como fracasso do Brasil em educar seu povo o que de fato foi uma façanha. Pedro II, por exemplo, nosso preclaro imperador, nunca se equivocou a respeito. Nos dias em que a Argentina, o Chile e o Uruguai generalizavam a educação primária dentro do espírito de formar cidadãos para edificar a nação, naquelas eras, nosso sábio Pedro criava duas únicas instituições educacionais: o Instituto de Surdos e Mudos e o Instituto Imperial dos Cegos. (. . .)

O que ocorre com a universidade no Brasil é mais ou menos o que sucederia com uma vaca se, quando bezerra, ela fosse encerrada numa jaula pequenina. A vaca mesmo está crescendo naturalmente, mas a jaula de ferro aí está, contendo, constringindo. Então o que cresce é um bicho raro, estranho. Este bicho nunca visto é o produto, é o fruto, é a flor acadêmica dessa classe dominante sábia, preclara, admirável que temos, que nos serve e a que servimos patrioticamente contritos.

Creemos haver demonstrado até aqui que no campo da educação é que melhor se concretiza a sabedoria das nossas classes dominantes e sua extraordinária astúcia na defesa de seus interesses. De fato, uma minoria tão insignificante e tão claramente voltada contra os interesses da maioria, só pode sobreviver e prosperar contando com enorme sagacidade.

(Palestra no Simpósio sobre *Ensino Público*, na 29^a reunião da SBPC, realizada em São Paulo, em julho de 1977.)

4. Bom conselho

Chico Buarque de Holanda

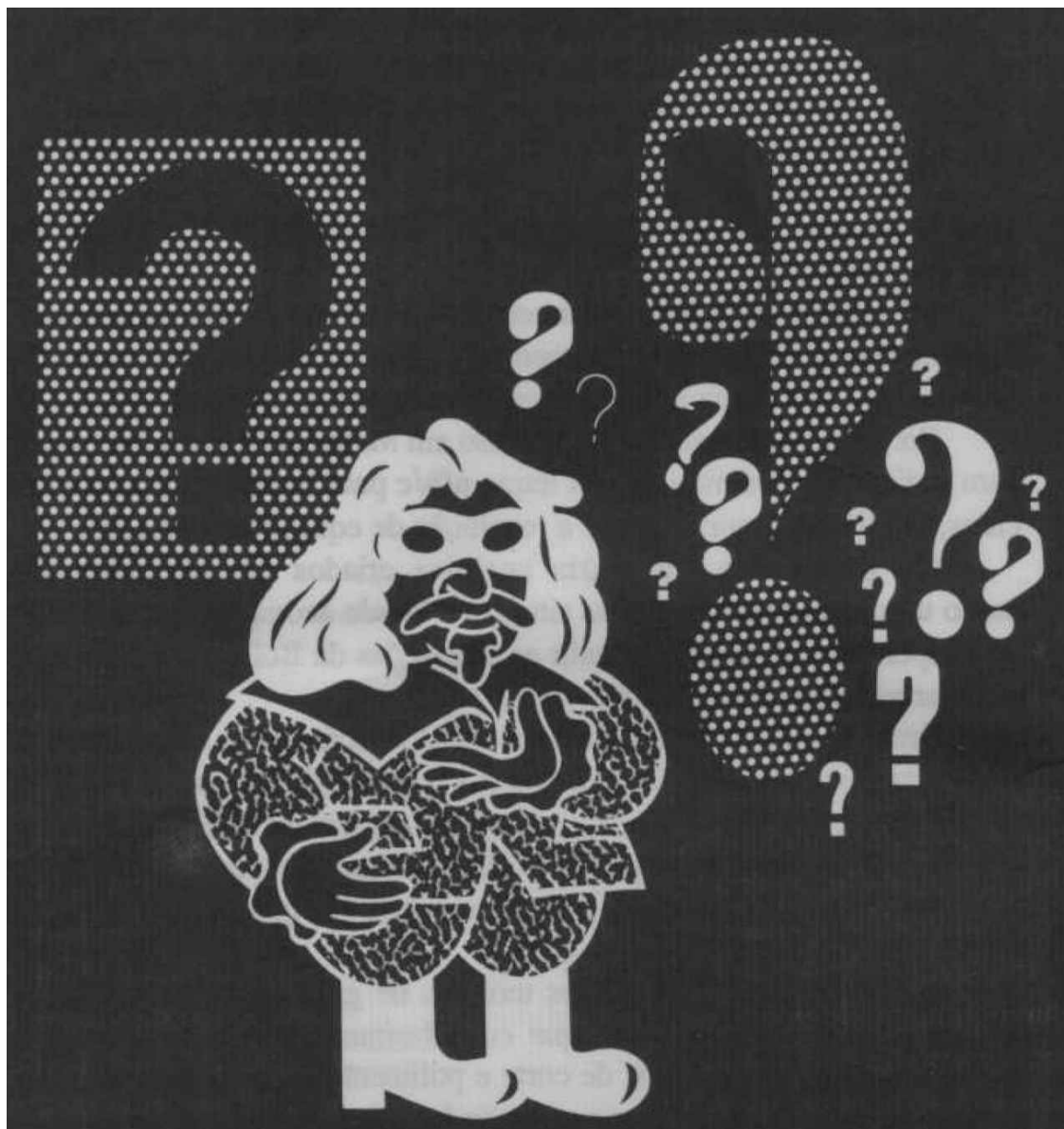
Ouçã um bom conselho

Eu lhe dou de graça

Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar
Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio o vento na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade

Capítulo 5

O caminhante mascarado



Herança científica

No primeiro capítulo deste livro – “O filósofo, meu colega” – relatei como meu contato inicial com Descartes foi feito através da Matemática, quando, sem querer, ele garantiu minha paz através de um sotaque baiano. Depois, deixamos essa sua face matemática de lado e fomos estudar mais de perto a questão que nos interessava: a valorização da Razão por ele empreendida.

No entanto muitos de seus estudos científicos foram, e ainda são, fundamentais para o desenvolvimento da ciência. Afinal, Descartes não ficou a vida toda numa aparente “vagabundagem filosófica”.

Por exemplo, devemos a ele o uso em Matemática das letras $x/y/z$ para indicar as incógnitas e das letras $a/b/c$ para indicar termos conhecidos, facilitando enormemente a resolução de equações e funções.

Os gráficos de Geometria analítica criados por ele ainda são muito usados nas mais variadas situações, desde acompanhar a variação da temperatura de doentes, medir as oscilações da Bolsa de Valores até analisar as flutuações do clima.

Seus trabalhos deram enorme contribuição para o desenvolvimento da Física teórica dos séculos XVII e XVIII. Descartes explicou cientificamente a formação do arco-íris, criou novas raízes quadradas e cúbicas. Ousadamente defendeu a idéia de que o espaço é infinito e, portanto, o universo também o é. (Essa idéia foi que levou Giordano Bruno à fogueira em 1600.)

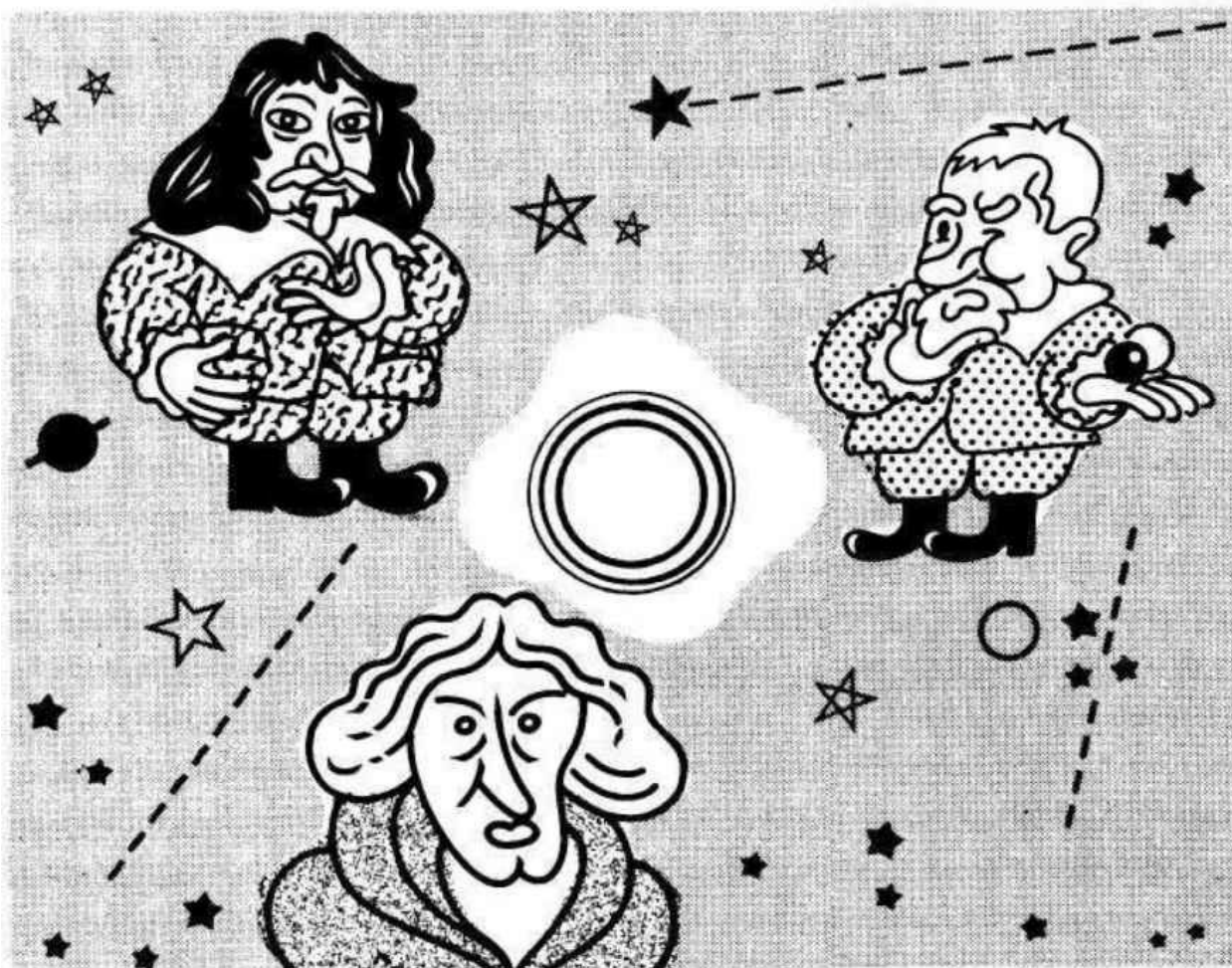
Descartes produziu estudos teóricos de grande originalidade sobre os fenômenos luminosos, que contribuíram decisivamente para o aprimoramento dos métodos de corte e polimento dos vidros das lentes. Daí resultou a instalação de novos métodos em fabricação ótica.

Descartes foi inovador até na área de Geologia: sugeriu que a Terra já tinha sido, como o Sol, derretida e que seu condensamento resultava do resfriamento ao longo do tempo, exceto nas camadas mais profundas.

Foi o primeiro a declarar formalmente o que chamamos *Lei da Inércia*, ao dizer que Deus conserva no universo sempre idêntica quantidade de matéria e de movimento. Portanto qualquer corpo seguirá na mesma velocidade e direção, indefinidamente, a menos que alguma força aja sobre ele. Idéias assim foram propagadas por Descartes em muitas universidades, inclusive em Cambridge, na Inglaterra. Foi lá que mais tarde estudou Isaac Newton.

Descartes foi grande defensor e divulgador das teorias heliocêntricas de Copérnico e Galileu, mas sempre com prudência, para evitar a ira da Igreja. Essa prudência foi tão exagerada

que chegou a prejudicar a clareza de alguns de seus escritos, pois ele começou a escrever de modo ambíguo para não ser perseguido.



Descartes, Copérnico, Galileu

Inútil esforço! A partir de 1662, *todas* as suas obras foram colocadas no *Índex*, um índice, uma relação produzida pela Igreja Católica, contendo os livros que não poderiam ser lidos pelos católicos e deveriam ser proibidos em suas universidades.

Levando-se em conta o contexto da época e o peso das forças conservadoras, todas essas condenações apenas provaram que ele estava certo em muitas coisas.

Nosso filósofo errou muito também. Nos seus escritos sobre Ótica, afirmou que a luz se propaga mais vagarosamente em meios pouco densos (água, ar); sabemos hoje que é exatamente o contrário. Esse e outros erros não tiram seu mérito. Demonstram, isso sim, que a infalibilidade não pode ser um dogma em lugar algum.

Herança filosófica

A maior herança de Descartes foi seu contínuo combate pela independência da Razão e contra a imposição de idéias que não fossem claras para o próprio indivíduo.



Essa herança foi aplicada por muitos pensadores, principalmente no século XVIII, em dois campos para os quais ele não havia indicado: a política e a religião.

Descartes era politicamente conservador. No século XVII, quando já havia um grande movimento contra o absolutismo monárquico, ele o defendia. Não acreditava em mudanças sociais; em uma carta ao padre Mersenne em 1629, escrevendo sobre a possibilidade de se criar uma linguagem que ajudasse o povo a pensar livremente, ele comentou:

Essa língua é possível e se pode encontrar a ciência que a fundamenta. Os camponeses poderiam avaliar melhor do que os filósofos atuais a verdade das coisas, através dessa linguagem. Mas não espere nunca vê-la em uso. Isso pressupõe grandes mudanças na ordem das coisas: seria preciso que o mundo inteiro fosse um paraíso terrestre, o que não é bom propor senão em obras de ficção.

Também o método proposto por Descartes deixava a salvo as “verdades da fé”. Em outra carta a Mersenne, em 1640, ele afirmava:

Crendo com firmeza que a Igreja é infalível, mas também não tendo dúvidas sobre os meus argumentos, o meu medo é que uma verdade seja contrária à outra.

Em um texto de 1641, *Respostas às segundas objeções*, ele diz claramente:

Em geral se afirma que a fé é aplicada a coisas obscuras. Mas tal afirmação se refere ao conteúdo e não à razão profunda da nossa crença. Essa razão é uma luz interior: tendo sido iluminados sobrenaturalmente por Deus, temos confiança certa de que as coisas propostas à nossa crença foram reveladas por ele. É impossível que Deus seja mentiroso, que nos engane. Essa certeza é mais segura do que qualquer forma de conhecimento natural e, com frequência, é até mais evidente, por força da luz da Graça divina.

Apesar dessas posições, a defesa, empreendida por Descartes, da independência e da força da Razão influenciaria firmemente os movimentos políticos e filosóficos do século seguinte, principalmente o Iluminismo, que considerava a Razão como luz natural e única a iluminar os caminhos livres do homem na História! Desta forma, nosso filósofo participou da demolição das fortalezas da intolerância religiosa e das superstições.

O racionalismo de Descartes é uma vacina contra os preconceitos e os argumentos autoritários. Pensadores iluministas, como Montesquieu (1689-1755), Voltaire (1694-1778), Diderot (1713-1784), empunharam a bandeira da Razão livremente, para colocar em cheque a legitimidade das instituições políticas existentes. Por isso costuma-se dizer que o século XVIII foi muito mais cartesiano que o próprio filósofo!

Descartes inspirou inúmeros outros filósofos de grande importância: Spinoza (1632-1677), Malebranche (1638-1715), Leibniz (1646-1716), Comte (1798-1857).

Nosso filósofo teve um grande adversário: John Locke (1632-1704), um dos fundadores do empirismo moderno, o qual ensinava que a verdade é descoberta a partir da *experiência no mundo e não no interior da razão*. Locke escreveu o primeiro capítulo do seu *Ensaio sobre o entendimento humano* exclusivamente contra a noção de Descartes de que possuímos idéias inatas, presentes em nosso espírito desde antes do nascimento.

O mais famoso oponente de Descartes foi Blaise Pascal (1623-1662), com quem ele se encontrou certa vez para uma discussão. Pascal escreveu contra Descartes, a quem chamava de “inútil e incerto”. Opôs à Razão cartesiana o valor do sentimento e do “coração”, resumido na frase: *O coração tem razões que a razão não conhece*.

Muito embora Descartes tenha estabelecido que sua clareza e distinção é o primeiro e maior dos critérios para que algum conhecimento possa ser considerado verdadeiro, há alguns pontos-chaves confusos em sua teoria.

Ao afirmar que conhecemos nossa alma independentemente do nosso conhecimento sobre o corpo – pois “eu penso” é uma verdade anterior a “logo existo” –, acabou por criar um *dualismo* difícil de aceitar. Dentro dessa posição, o homem seria um ser dicotômico, isto é, dividido em espírito e matéria que não se fundem jamais e apenas coexistem no homem. O corpo poderia nem mesmo existir:

A alma, isto é, o eu pelo qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo. Ela é até mais fácil de conhecer do que o corpo. Ainda que este nada fosse, a alma continuaria sendo tudo o que é.

(Discurso do método, IV)

Tal idéia resultou na compreensão de um universo composto por dois tipos de realidade

diferentes e irreduzíveis um ao outro: a realidade pensante (*res cogitans*) e a realidade material (*res extensa*). Descartes viu-se obrigado a alguns malabarismos mentais (que não convenceram) para explicar como se dá a influência evidente do espírito sobre a matéria. E vice-versa.

Também algumas explicações físicas sobre a realidade material são pouco claras. Afirma que todo o universo funciona à base de trocas de movimento entre suas partes, trabalhando como uma engrenagem automática movida pela quantidade constante de movimento que Deus imprimiu no momento da criação. Como diz G. G. Granger, isso “é confundir a imaginação com o entendimento”.

Descartes também se atrapalhou ao descrever o *corpo do homem* como uma *máquina* a ser unicamente explicada pela Física.

Mesmo com esses deslizamentos, uma das profundas heranças de Descartes foi seu gosto pela clareza, na expressão e na escrita. Essa postura motivou muitos pensadores a também perseguirem um estilo mais compreensível.

“*Larvatus prodeo*”

Quando tinha vinte e três anos e estava no exército holandês, Descartes adotou como divisa a inscrição em latim *Larvatus prodeo* (“Eu caminho mascarado”).

Alguns autores interpretam essa divisa como uma forma de o nosso filósofo dizer que, escondido sob o uniforme de soldado, estava um verdadeiro filósofo.

Vou mais além. Acho que aí está mais um sinal da sua prudência diante dos poderosos adversários do homem livre e do pensamento autônomo, que existem até hoje.



Afinal, como se costuma dizer, *é muito perigoso ter razão antes da hora*. Nossa história recente está marcada pela perseguição a pessoas que foram condenadas em nome de suas idéias e ideais. Muitos pagaram com a vida através dos tempos. Sabemos dos assassinatos de Sócrates, Jesus de Nazaré, Giordano Bruno, Robespierre, Frei Caneca, Gandhi, Martin Luther King, Wladimir Herzog. Milhares de outros, anônimos, morreram e morrem cotidianamente em nome de seus sonhos, de suas esperanças.

“Eu caminho mascarado” não é um exemplo de covardia, mas de cautela, de paciência histórica. A mesma opção foi feita por Galileu; em 1633, condenado pela Inquisição, preferiu negar publicamente sua teoria heliocêntrica a perder a vida. Ganhamos nós com essa atitude de Galileu, pois ele pôde continuar estudando e pesquisando por mais dez anos, comprovando estar mesmo certo. Conta-se que sua última frase, no leito de morte, foi *Eppur si muove* (“Mas ela se move!”), referindo-se à Terra. Essa frase transforma-se em divisa/símbolo da resistência e convicção de uma pessoa.

É claro que não estou defendendo o imobilismo. Pelo contrário, ficar calado e parado às vezes é uma maneira de sobreviver resistindo. Os exemplos de Descartes e de Galileu mostram uma estratégia temporária de preservação que dura até que as circunstâncias adversas se amenizem. Nenhum dos dois deixou de escrever, falar, repartir. Eles avaliaram a situação em que viviam e tomaram cuidado. Isso fez com que suas idéias e teorias pudessem chegar até nós.

Há muitos anos li uma frase do urbanista Lúcio Costa, que, junto com Oscar Niemeyer, projetou Brasília. Ele disse: ‘ Penso, digo o que penso, logo existo’.

Eu tinha dezessete anos e o país vivia em plena ditadura militar. A frase não serviu para que eu saísse por aí berrando minhas opiniões (naquele momento seria um ato de insanidade); serviu, isso sim, para que eu compreendesse o valor e a importância do pensamento livre. Livre para nascer e para se manifestar, e assim tornar-se um dos elementos básicos de uma existência humana digna.

Descartes é, sem dúvida, um clássico guardião do pensamento livre. Millôr Fernandes costuma dizer que “clássico é um escritor que não se contentou em chatear apenas os seus contemporâneos”. Descartes é um clássico.

Com sua proposta de duvidar radicalmente, o “caminhante mascarado” continua desmascarando as muitas falsas obviedades que invadem nosso dia-a-dia.

Duvidar. Suspeitar. Pensar por si mesmo. Agir. Existir.

Bibliografia recomendada

- BEYSSADE, Jean-Marie. “Descartes”, in CHÂTELET, François. *História da Filosofia*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974, v. 3, p.81-114.
- BEYSSADE, Michelle. *Descartes*. Lisboa, Edições 70, 1983.
- CHAUÍ, Marilena. “Filosofia moderna”, in: CHAUÍ, M. e outros, *Primeira Filosofia*. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 60-108.
- Descartes*. São Paulo, Abril Cultural, 1973, col. Os Pensadores.
- KOYRÉ, A. *Considerações sobre Descartes*. Lisboa, Editorial Presença, s/d.
- RUSSEL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. 3. ed., São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1977, v. 3.



Vamos Refletir

1. Aponte os efeitos da censura sobre a liberdade de um indivíduo e de uma sociedade.
2. “Quem não arrisca não petisca”. A partir deste ditado, comente a relação entre:
 - arriscar-se ou conformar-se;
 - medo de errar e a certeza congelada;
 - reproduzir idéias alheias ou inventar o próprio caminho.
3. A partir do texto *Sempre alerta* (anexo), sobre jornalismo, comente as vantagens profissionais do exercício da dúvida.
4. Compare a atitude do “caminhante mascarado” com a apresentada na música *Pesadelo* (anexa).

Propostas de Atividades

1. Faça uma pesquisa (pode ser em grupo) sobre a atuação da censura na sociedade brasileira.
2. Que pessoas você definiria como “profissionais da dúvida”, “profissionais da certeza” ou “profissionais da resistência”? Grave uma entrevista com algum deles e apresente trechos à classe.
3. Retome a atividade proposta no final do primeiro capítulo. Faça um novo texto de vinte linhas sobre o que você entende, agora, por Filosofia. Compare os dois textos.
4. Monte uma peça teatral cujo título poderia ser:

DESCARTES, FIM DO SÉCULO . . . VINTE.

1. Sempre alerta

Mauro Santayanna

Em política, costumava dizer Tancredo Neves, a boa-fé costuma ser pior do que a má-fé. Preocupava-se o experimentado homem público com os desacertos da ingenuidade. A inocência de uns é sempre vantajosa à esperteza de outros. Se todos os homens fossem providos do mesmo padrão de sinceridade, talvez o mundo fosse mais justo, mais seguro. Mas não há dúvida de que seria mais chato. A aventura humana se faz de astúcia, porque é nela que se fundam as relações de poder.

Essas reflexões servem ao nosso ofício de jornalistas. Nada pode ser mais perigoso do que um repórter de boa-fé. É conveniente que ele seja cético e que nunca confie numa só fonte. Por isso mesmo os amestradores de focas*, no passado, colocavam os aspirantes ao jornalismo na reportagem policial ou na reportagem esportiva, antes de lhes abrir espaço nas páginas nobres da economia e da política.

Quando um adolescente é jogado no sombrio universo das delegacias policiais, lhe é dada uma opção ética que servirá para a vida inteira. Ele aprende a desconfiar de tudo, quando vê o que de perverso pode se esconder no interior de pessoas aparentemente amáveis, simpáticas, até mesmo belas. E a distinguir entre a inteligência de bons policiais, capazes de desvendar as tramas mais misteriosas, e a brutalidade dos torturadores.

Fico assustado quando vejo, hoje, rapazes e moças, recém-saídos das faculdades, começarem logo como repórteres políticos ou na área da economia. Fico assustado porque é fácil perceber como muito do noticiário dos jornais e revistas é orientado por interesses não muito corretos. (. . .)

Consolo moral - É claro que sempre houve disso no jornalismo. Por conveniência dos próprios donos de jornal, profissionais mais flexíveis se encarregavam, no passado, de columninhas marotas, batizadas, pela verve insuperável de Sergio Porto, de "Picadinho's Relations". (. . .)

Os rapazes e moças de hoje são, em conjunto, talvez mais equipados intelectualmente do que os do passado. Entram nas redações vindos da universidade, mas sem passar pela vida. Começam a viver no Olimpo constituído dos grandes deste mundo e, freqüentemente, se deixam deslumbrar. Com inocência, sem a velha malícia que adquiririam nas delegacias, nos vestiários dos estádios, nos corredores dos tribunais, e sem o duro e necessário ceticismo que a visita aos necrotérios possibilita, deixam-se engabelar pelos espertos. (. . .)

Virtude inconveniente - Os jovens jornalistas devem ter em mente que nós, os que escolhemos este ofício, não somos amados, a não ser por alguns leitores anônimos que guardam o nosso nome e se interessam por nosso destino. Por isso a primeira cautela é desconfiar da lisonja. Os elogios exagerados são o melhor emoliente de que se valem os canalhas. Todos somos humanos, e todos temos, menos ou mais, nossa vaidade. Convém, no entanto, manter razoável dose de autocrítica, para distinguir o que pode ser manifestação sincera de admiração daquilo que não passa da alisada de dorso que precede a colocação dos arreios.

A inocência é, assim, virtude inconveniente ao jornalismo. Conhecer a malandragem não significa exercê-la. Só podem ser realmente santos os que identificam o pecado. (. . .)

(Imprensa, ano 1, nº 10, junho de 1988.)

2. Pesadelo

Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro

Quando um muro separa, uma ponte une
Se a vingança encara, o remorso pune
Você vem, me agarra, alguém vem, me solta

Você vai na marra, ela um dia volta
E se a força é tua ela um dia é nossa
Olha o muro, olha a ponte
Olha o dia de ontem chegando
Que medo você tem de nós . . . olha aí . . .
Você corta um verso, eu escrevo outro
Você me prende vivo, eu escapo morto
De repente . . . olha eu de novo
Perturbando a paz, exigindo o troco
Vamos por aí, eu e meu cachorro
Olha um verso, olha o outro
Olha o velho, olha o moço chegando
Que medo que você tem de nós . . . olha aí . . .
O muro caiu, olha a ponte
Da liberdade guardiã
O braço do Cristo horizonte
Abraça o dia de amanhã

ENDNOTES

Capítulo 1: O filósofo, meu colega

* Traduções de Descartes a cargo do autor.

Capítulo 5: O caminhante máscamelo

* Foca: iniciante no jornalismo.